

ILUSTRAÇÃO

N.º 202 — 9.º ano



As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

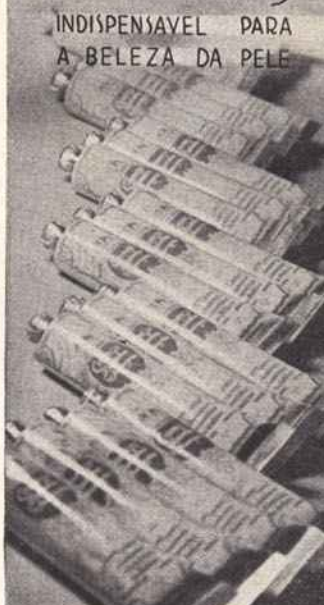
Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- | | | |
|---|---|---|
| 1—DA TERRA À LUA, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol. | 28—A GALERA CHANCELLOR, 1 vol. | 55—O CAMINHO DA FRANÇA, 1 vol. |
| 2—A RODA DA LUA, 1 vol. | 29—OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN, 1 vol. | DOIS ANOS DE FÉRIAS: |
| 3—A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS, 1 vol. | 30—ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA, 1 vol. | 56—1.ª parte—A escuna perdida. 1 vol. |
| AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS: | A CASA A VAPOR: | 57—2.ª parte—A colónia infantil. 1 vol. |
| 4—1.ª parte—Os ingleses no Polo Norte. 1 vol. | 31—1.ª parte—A chama errante. 1 vol. | FAMÍLIA SEM NOME: |
| 5—2.ª parte—O deserto de gelo. 1 vol. | 32—2.ª parte—A ressuscitada. 1 vol. | 58—1.ª parte—Os filhos do traidor. 1 vol. |
| 6—CINCO SEMANAS EM BALÃO, 1 vol. | A JANGADA: | 59—2.ª parte—O padre Joan. 1 vol. |
| 7—AVENTURAS DE TRES RUSSOS E TRES INGLESES, 1 vol. | 33—1.ª parte—O segredo terrível. 1 vol. | 60—FORA DOS EIXOS, 1 vol. |
| 8—VIAGEM AO CENTRO DA TERRA, 1 vol. | 34—2.ª parte—A justificação. 1 vol. | CÉSAR CASCABEL: |
| OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT: | AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES: | 61—1.ª parte—A despedida do novo continente. 1 vol. |
| 9—1.ª parte—América do Sul. 1 vol. | 55—1.ª parte—A descoberta da terra. 1.º vol. | 62—2.ª parte—A chegada ao velho mundo. 1 vol. |
| 10—2.ª parte—Austrália Meridional. 1 vol. | 56—1.ª parte—A descoberta da terra. 2.º vol. | A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN: |
| 11—3.ª parte—Oceano Pacífico. 1 vol. | 57—2.ª parte—Os navegadores do século XVIII. 1.º vol. | 63—1.ª parte—A procura dos naufragos. 1 vol. |
| VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI- NAS: | 58—2.ª parte—Os navegadores do século XVIII. 2.º vol. | 64—2.ª parte—Deus dispõe. 1 vol. |
| 12—1.ª parte—O homem das águas. 1 vol. | 59—3.ª parte—Os exploradores do século XIX. 1.º vol. | 65—O CASTELO DOS CARPATHOS, 1 vol. |
| 13—2.ª parte—O fundo do mar. 1 vol. | 60—3.ª parte—Os exploradores do século XIX. 2.º vol. | 66—EM FRENTE DA BANDEIRA |
| A ILHA MISTERIOSA: | 41—A ESCOLA DOS ROBINSONS, 1 vol. | A ILHA DE HÉLICE: |
| 14—1.ª parte—Os naufragos do ar. 1 vol. | 42—O RAIO VERDE, 1 vol. | 67—1.ª parte—A cidade dos bilhões. 1 vol. |
| 15—2.ª parte—O abandonado. 1 vol. | KERABAN, O CABEÇUDO: | 68—2.ª parte—Distúrbios no Pacífico. 1 vol. |
| 16—3.ª parte—O segredo da ilha. 1 vol. | 43—1.ª parte—De Constantinopla a Scutari. | 69—CLOVIS DARDENTOR, 1 vol. |
| MIGUEL STROGOFF: | 44—2.ª parte—O regresso. 1 vol. | A ESFINGE DOS GELOS: |
| 17—1.ª parte—O correio do Czar. 1 vol. | 45—A ESTRELA DO SUL, 1 vol. | 70—1.ª parte—Viagens aos mares austrais. 1 vol. |
| 18—2.ª parte—A invasão. 1 vol. | 46—OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO, 1 vol. | 71—2.ª parte—Lutas de marinheiro. 1 vol. |
| O PAÍS DAS PELES: | MATIAS SANDORFF: | 72—A CARTEIRA DO REPÓRTER, 1 vol. |
| 19—1.ª parte—O eclipse de 1860. 1 vol. | 47—1.ª parte—O pombo correio. 1 vol. | O SOBERBO ORENOCO: |
| 20—2.ª parte—A ilha errante. 1 vol. | 48—2.ª parte—Cabo Matifoux. 1 vol. | 73—1.ª parte—O filho do coronel. 1 vol. |
| 21—UMA CIDADE FLUTUANTE, 1 vol. | 49—3.ª parte—O passado e o presente. 1 vol. | 74—2.ª parte—O coronel de Kermor. 1 vol. |
| 22—AS ÍNDIAS NEGRAS, 1 vol. | 50—O NAUFRAGO DO «CYNTHIA», 1 vol. | 75—UM DRAMA NA LIVÓNIA, 1 vol. |
| HEITOR SERVADAC: | 51—O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672, 1 vol. | 76—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 1.º vol. |
| 23—1.ª parte—O cataclismo cósmico. 1 vol. | 52—ROBUR, O CONQUISTADOR, 1 vol. | 77—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 2.º vol. |
| 24—2.ª parte—Os habitantes do cometa. 1 vol. | NORTE CONTRA SUL: | 78—A INVASÃO DO MAR, 1 vol. |
| 25—O DOUTOR OX, 1 vol. | 53—1.ª parte—O ódio de Texar. 1 vol. | 79—O FAROL DO CAPO DO MUNDO, 1 vol. |
| UM HERÓI DE QUINZE ANOS: | 54—2.ª parte—Justiça! 1 vol. | |

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

USE O CREME
Rainha da Sungria
INDISPENSÁVEL PARA
A BELEZA DA PELE



DÁ-LHE A FRESCURA DA JUVENTUDE



M^o CAMPOS
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Acaba de sair a
nova edição do

Desenho de máquinas

DA

Biblioteca de Instrução
Profissional

1 volume de 344 páginas,
283 gravuras e 91 estam-
pas. Encadernado em per-
calina, **Esc. 30\$00.** —
Pelo correio à cobrança,
Esc. 32\$50

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$10	64\$20	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Se Sois Pobre ou Económica Lêde

Com a crise actual que a todos toca, quantos sacrificios se não fazem para alimentar um filho, ou restabelecer a saúde a um doente, adquirindo-se productos de elevado custo, quasi tão elevado como o ouro? Uma verdadeira ilusão, porque os productos não valem pelo que custam.

A MAIZENA DURYEA

apesar do seu economico custo, é o melhor alimento que existe. Rica em gluten, em proteínas e com 89% de hidratos de carbono, a "MAIZENA" é alem d'isso assimilavel em 2/3 minutos ainda no estomago mais delicado. Há mais de 70 anos que se vende em todo o Mundo e dezenas de milhares de creanças e de doentes se têm robustecido com ela — e quantos lhes não devem a saúde e a vida!

A MAIZENA DURYEA é um alimento natural, sem misturas químicas ou perfumes de qualquer especie.

As creanças comem-na com entusiasmo. A MAIZENA DURYEA leva-lhes cor às faces, vigorisa-lhes os tenros órgãos, e torna-as robustas e saudias.

A fama da MAIZENA tem feito surgir infinitas imitações. Não faça caso do que lhe disserem e rejeite-as — se não quere pôr em risco a saúde de quem as usar.

A MAIZENA tem a mais larga applicação na confecção de doces, puddings, biscoitos, etc. Damos, gratis, um livro de cozinha, com receitas deliciosas e variadas, a quem no-lo pedir.



CARLOS DE SA PEREIRA, Lda.
Rua dos Sapateiros 115, 2.º, LISBOA

Queira enviar-me um exemplar gratis do seu livro de cozinha.

Nome

Morada

Localidade

Port. 2

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveriza-
ções, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

ACABA DE SAÍR:

ALEXANDRE HERCULANO

SCENAS DE UM ANNO DA MINHA VIDA

E APONTAMENTOS DE VIAGEM

Coordenação e prefácio de **Victorino Nemésio**

1 vol. de 324 págs., broc. **12\$00**
enc. **17\$00**

Pelo correio à cobrança, mais **2\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A aparecer brevemente

É A GUERRA

**Diário da grande con-
flagração europeia**

POR

AQUILINO RIBEIRO



PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLECÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS

A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissio-
nais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela
encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a:
ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGEN-
CIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMESTICA — JARDINAGEM
— PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PER-
FUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOUCADOR — CON-
SERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS —
LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E
DOCARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS
— LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS
— HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que
o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

**1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina
a côres e ouro, custa apenas 30\$00**

À venda nas boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Grande sucesso literário:

À VENDA O 4.º MILHAR

JÚLIO DANTAS

AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS — Pan e as mulheres — As inimigas do homem — Terceiro sexo — Jus sufragil — A mulher diplomata — As ideias de Madama Agata — A mulher soldado — Delegadas a Gênebra — As calças de Eva — O eleitorado das avós — A mulher jornalista — O problema do amor — Núpcias em avião — Os pais-amas — O exemplo da China — Gentlemen prefere blondes — As revolucionárias do golf — Jursiconsultos de saías — Eva standardizada — As sinistradas da beleza — É preciso ser bela para ser feliz? — Mademoiselle Zuca — A idade dos joelhos — Nudistas — A dama do pijama verde — As amigas do homem

1 volume de 312 páginas, brochado **12\$00**
encadernado **17\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

MARIA BENIGNA

O novo livro de AQUILINO RIBEIRO

Está no 4.º milhar

Autor consagrado, de mérito inconteste, a aparição dum novo livro de Aquilino Ribeiro é sempre revestida da curiosidade e do interesse que as boas obras literárias despertam no público.

MARIA BENIGNA, interessante romance de amor, é a última produção deste notável escritor, dos maiores da sua geração. Figuras, paisagem, ambiente é tudo novo, tudo diferente nesta preciosa obra, visto que o seu autor, desta vez, transportou para a capital os seus personagens, fazendo de Lisboa o centro de desenvolvimento da sua acção. Através de qualidades singulares que esta obra encerra, depara-se-nos uma melancolia e um pessimismo que não conhecíamos em outras obras de Aquilino Ribeiro, e que transmitem à **MARIA BENIGNA** uma suavidade encantadora e uma modalidade interessante na forma do eminente escritor.

1 vol. de 286 págs., brochado . . . Esc. 12\$00
Encadernado . . . Esc. 17\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

*Vai aparecer brevemente um livro
indispensavel em todos os lares*

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

HIGIENE, DIETÉTICA, GIMNÁSTICA,
ENFERMAGEM, FARMÁCIA CASEIRA, DEFINIÇÃO
E TRATAMENTO DAS DOENÇAS,
SOCORROS DE URGÊNCIA

A descrição do corpo humano * As plantas medicinais
e suas aplicações * O tratamento dos doentes na ausência
do médico * Cuidados essenciais na defeza da saúde
e longevidade * Os conhecimentos de medicina indispensáveis
a toda a gente * Receitas de cosinha para doentes,
convalescentes e sãos, etc.

SEGUNDA EDIÇÃO MELHORADA E MUITO AUGMENTADA

POR SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Cada refeição deve ser um festim de saúde



KELLOGG'S Corn Flakes são deliciosos e nutritivos, com um sabor muito especial.

Uma excelente fonte de energia às refeições. Uma merenda que não precisa ir ao lume. Um azeite de fácil digestão, para comer ao deitar. Deliciosos com leite ou nata, mel ou frutas.

KELLOGG'S Corn Flakes estão sempre prontos a servir, sempre torrinhos e frescos, num saco de papel parafinado.

Kellogg's
CORN FLAKES



A venda nos bons estabelecimentos — em pacotes verde e vermelho.

DISTRIBUIDORES:

FIGUEIRA & ALMEIDA

Rua da Madalena, 88

LISBOA

749

Acaba de sair a nova edição do

CONDUTOR DE MÁQUINAS

DA

Biblioteca de Instrução Profissional

LIVRO MUITO ÚTIL E REPLETO DE GRAVURAS

1 vol. encad. em percalina **25\$00**

Pelo correio à cobrança **27\$50**

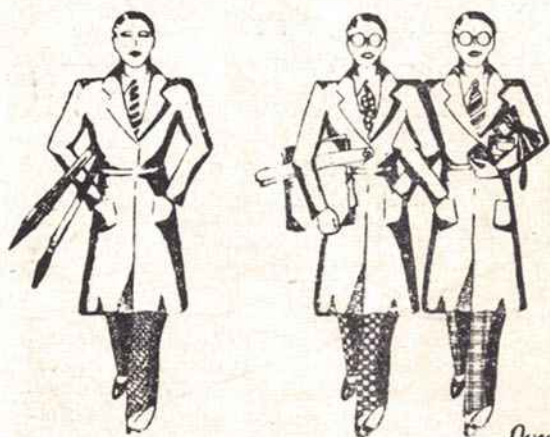


PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



Agencia

TELEFONE

2 1368

BERTRAND
IRMÃOS, L^{DA}

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

por **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

PROPRIEDADE
DA LIVRARIA
BERTRAND

REDACÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: -
2 0535

N.º 202 - 9.º ANO
16 - MAIO - 1934

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.



Festas de Lisboa
DE 9 A 13 DE JUNHO
DE 1934

MADAME TALLIEN

e a queda de Robespierre



Robespierre

ROBESPIÈRE decreta o culto a Deus — as festas do *Ente Supremo*, o Terror a faulhar e a crepitar. E ao mesmo tempo aumentam as violências contra os nobres, os letrados, os comerciantes, os açambarcadores, os novos ricos — violências premeditadas pelos monitores descontentes, não no intuito de prestigiar o Ditador, antes no fito de comprometer o Tirano.

As fornadas sucedem-se. As mulheres continuam a morrer com heroísmo e com beleza — ao contrário da Du Barry, a favorita de Luís XV, a intrigante de Antonieta, que morrera tremendo e soluçando. Morre heróicamente a própria Olímpia de Gouges, a chefe das furias da guilhotina, acusada de adular Dumouriez nos seus escritos. Morrem serenamente as senhoras de Saint-Amaranthe, realistas que Robespierre protegia. E estoicamente se entrega à prisão Catarina Théot, que os inimigos do Incorrutível conseguem fazer prender.

É nesta emergência, Paris no máximo da alucinação, que Tallien vê entrar nas enxovias da *Force* a querida, a adorada Maria Cabarrus.

Quem é Maria Cabarrus? É a filha do banqueiro Francisco Cabarrus, pelo casamento condessa de Fontenay, neste lance favorita, depois mulher de Tallien.

Senhora duma beleza que os pintores e os poetas da época promoveram ao sublime, a condessa de Fontenay vivia em Bordeus na época rubra da perseguição aos nobres e aos Girondinos — o pró-consul Tallien arvorado em Nero dos perseguidos. Nascida em Espanha, presa ao fugir da França para o país do nascimento, levam-na a perguntas junto do pró-consul — presidente do Tribunal Revolucionário de Bordeus. E êste, ao vê-la, estremece de encantamento. E de carrasco, transmuda-se em escravo.

A condessa de Fontenay, em vez de subir ao cadafalso, regressa liberta a sua casa.

Por direito do ascendente que o acaso da beleza lhe confere sobre o Convencional, ela torna-se o porto de abrigo, o perdão, a liberdade, a vida, de centenas de suspeitos e fugitivos arrebanhados à aristocracia e à política.

Destituído e mandado regressar a Paris, por querela pública fundamentada nos actos favoráveis aos vencidos — Tallien não paga os favores com a cabeça,

cobinos, é o centro da conspiração contra o Incorrutível, a quem não perdôa o culto decretado a Deus. Ao lado de Fouché conspiram Vadier, Cambon, Barras, Feron, os amigos sobreviventes de Danton, os partidários ocultos de Hebert, os fanáticos da República laica. Tallien converte-se no mais activo dos conspiradores. E em casa de M.^{me} de Saint-Brice, nas vésperas do golpe de estado que se prepara, jura sobre garrafa de champagne, como noticia d'Altonville, abater o omnipotente Robespierre.

Tallien não é Danton — que alrontara o inimigo de cabeça erguida. Fouché não é Desmoulin — que fustigara o adversário à luz do dia. Fouché e Tallien trabalham na sombra, batem à porta dos ameaçados, destilam o veneno da desconfiança, acirram a coragem do medo, criam a necessidade de abater para não serem abatidos.

Do fundo da enxovia da *Force* a favorita de Tallien, prestes a comparecer perante Fouquier-Tainville, o ferino Caronte deste Inferno de Dante, mergulha ponta de arame no próprio sangue e escreve ao conjurado, e geme angustiada:

— Amanhã irei ao cadafalso... graças à tua insigne covardia!

Tallien, fremente de ansiedade, responde-lhe:

— Prudência. Tranquilisa-te.

Estamos no 8 do thermidor. Julho despeja lava sobre Paris. Sucodem-se os relâmpagos. A trovoadra estala. Na Convenção mal se respira.

Mas Robespierre, na irrepreensível



por estar reservado pelas incógnitas do Destino para mais alto papel na ribalta da Revolução.

A condessa de Fontenay, no incógnito de Maria Cabarrus, segue-o a Paris, conforta-o da desfortuna, encoraja-o a viver.

Maria Cabarrus está ligada a Tallien, novamente poderoso, outra vez membro da Convenção, no momento em que a acusam de traidora e a encerram na *Force* — esta a transbordar de nobres, plebeus, poetas rebeldes e generais gloriosos.

Tallien, tão apaixonado nêsse instante pelas seduções de Maria como na hora de enlêvo em que a lorigou no Tribunal de Bordeus, contorce-se de raiva, ruge de indignação.

Fouché, o descrentizador da França, nesta altura presidente do club dos Ja-



Madame Tallien

casaca azul do costume, como sempre a cabeleira empoada, entra na Convenção e sobe tranquilamente à tribuna. O ditador sabe que se conspira — e vai atacar de frente os conspiradores. O tirano conhece os inimigos — e vai mandá-los ao cadafalso.

Tudo emudece de assombro ao troar na sala o *Dies Irae* do Arcanjo do Terror.

Cambon sente-se perdido. E então, ganha ânimo, toma a tribuna, grita alto, o braço a apontar:

— Um só homem paralisa a Convenção. Esse homem é Robespierre.

O ditador levanta-se para a réplica. Tallien ouve no escuro da enxovia a angustia da encarcerada, que continua a



Barras, com o uniforme de membro do Directório

mostrar-lhe o cadafalso e a chamar-lhe covarde. Levanta-se também, e abafa a voz do ditador, e reclama a proscrição do tirano.

Robespierre, sacudido de revolta, trepa à Montanha. E aí o vociferar dos amigos de Danton afoga-lhe a palavra na garganta. Desce à Planície. E são os clamores ressuscitados dos Girondinos a imporem-lhe silêncio à força.

Ainda clama:

— Apresentei-me a descoberto aos meus inimigos. Não lisongeei. Não caluniei. Nada temo!

Mas vê-se isolado. Não o deixam acusar. Não lhe consentem que se defenda. Espumeja. Desvaira. Sucumbe.

— Abaixo o tirano! Abaixo o tirano! — grita-se de todos os lados da Assembleia, depois de Billaud-Varenne ter ousado lançar o termo preciso para alentar os fracos e impulsionar os indecisos.

A vida triunfa eternamente da morte. Surge um Holofernes — nasce logo Judith, de punhal na dextra. Não há tirania política a que não corresponda um 9 Thermidor. Napoleão, que vai aparecer em

cena, coroado de louros, para honra da França e irradiação dos canones liberais, foi menos a emergência de formidáveis recursos militares, do que o produto do medo inspirado pelas ameaças de vingança do Conde d'Artois, emigrado. Por sua vez, o Conde da Provença, irmão do Conde d'Artois, pôde afinal vir a ser o Luís XVIII da Restauração, por força da tirania belicosa do insaciável de Yena e Wagram — aquele a quem M.^{me} de Staël classificou irónicamente de "Robespierre a cavalo".

Só há um equilíbrio certo para a balança dos estados e das políticas — é o que põe a razão e a equidade num prato; no outro a bondade e a justiça.

Assim, no dia seguinte ao da proscrição, ou 9 do thermidor, o dia da ressurreição dos mortos, Robespierre, e os seus amigos, e os seus fieis, são despachados a caminho da guilhotina nas carrêtas dos dias anteriores.

Cinco horas da tarde. As carrêtas dos proscritos marcham a passo, lentamente, funebremente, para a praça da Concordia.

O calor sufoca. Os relâmpagos deslumbam. Ribombam os trovões.

O cortejo sensacional desdobra-se propositadamente por muitas ruas.

Há janelas alugadas a altos preços. A multidão comprime-se no longo percurso. Silvam as imprecações. Os clamores estrondeiam.

Mas desta vez as imprecações não vêm das fúrias da guilhotina, vomitando ódios sectários. Mas neste dia os clamores não partem das *tricoteuse* da Lacombe, oficiando na Missa Vermelha.

Neste dia, desta vez, são as mãis dos que morreram inocentes, são as suas viúvas, são as suas irmãs, são as suas noivas, de punhos cerrados, de crepes nos vestidos, de lágrimas nos olhos, de fâces doridas, das janelas, das ruas, que entoam o coral sinfónico do esconjuro contra o Tirano.

E quando Sansão, êle próprio, de casaca e cabeleira, ergue do cêsto a cabeça do *Arcanjo do Terror*, e a passeia no estrado aos olhos da turba alvoroçada, em imenso grito unisono, as cem mil

vozes do Côro ao Ente Supremo ululam, desafozam, re- jubilam:

— Morreu o tirano!

Tallien, Barras, Freron — o triunvirato do Directório constituído 24 horas depois — são cobertos de flores, são levados em triunfo, são proclamados salvadores.

Guilhotina-do Robespierre, abrem-se as portas das prisões. Doze mil



FOQUIER TAINVILLE

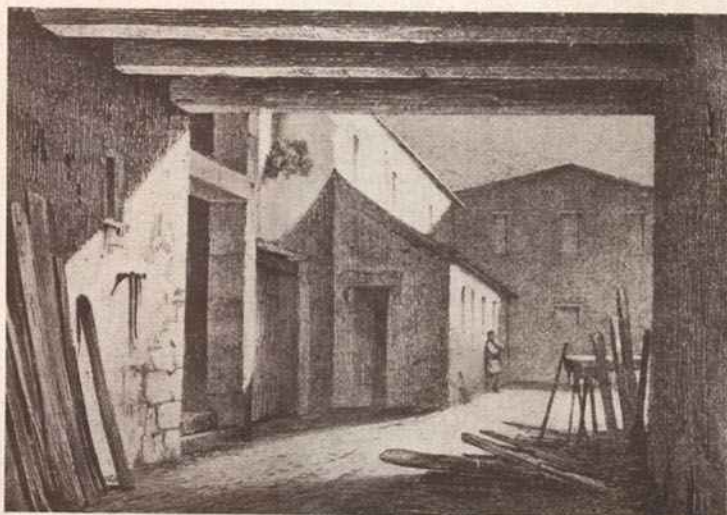
suspeitos saem de chôfre da morte para a vida — entre êles o general Hôche, o recente vencedor dos austríacos, o próximo pacificador da Vendéia.

A multidão, executado o tirano, aclamados os salvadores, abertas as prisões, sob o frenesi dos abraços, dos beijos, das lágrimas, corre a concentrar-se, a comprimir-se em frente da sombria *Force*.

É Maria de Cabarrus, daí a nada M.^{me} Tallien, que vai sair, restituída à República que ela dentro em pouco orientará, restituída ao amor, que salvando-a, salvára milhares de vidas. E a multidão envolve-a, ergue-a nos braços, levanta-a nos pulsos, corôa-a de flores, cobre-a de beijos, clama, canta, delira:

— Viva Nossa Senhora do Thermidor!
— Viva Nossa Senhora do Bom-Socorro!

Sousa Costa.



A casa de Robespierre



No Clube Alemão, com a assistência dos srs. ministro da Alemanha; 1.º secretário da legação, conde du Moulin Eckart; Burbach, representante do partido hitleirista; consul da Alemanha e grande concorrência de alemães, residentes em Lisboa, celebrou-se, o dia do Trabalho, agora tão festejado na Alemanha. A sala do Clube Alemão encontrava-se vistosamente decorada com festões de verdura, bandeiras nazis e a cruz gamada.

A festa iniciou-se pela marcha «Badenweiler», executada pela orquestra do clube.

No palco onde as bambolinas e gambiarras foram substituídas por bandeiras do Partido e as flores animavam com o seu colorido e onde a frase «Honrai o trabalho» se destacava, o sr. Júlio Claussen, «landesgruppenleiter», fez uma interessante palestra sobre o significado daquele dia, terminando com um «Heil Hitler!», entusiasticamente correspondido por toda a assistência.

Seguidamente um grupo de hitleristas fez a chamada intitulada «Kamerad», um apelo, quasi um cântico, ritmado e interessante.

Encerrando os discursos, falou o sr. dr. Hans Freytag, ministro da Alemanha, que no final foi muito aplaudido.

A orquestra volta de novo ao palco e solta as primeiras notas do «Deutschland-lied», o hino nacional alemão.

A assistência ergue-se e então, em unísono, e de braço erguido, na saudação hitlerista, a primeira estrofe:

*Deutschland, Deutschland über alles,
über alles in der Welt,
wenn es steht zum Schutz und Trutze
brüderlich zusammenhält!
Von der Maas bis an die Memel,*

O DIA DO TRABALHO NA ALEMANHA e o Clube Alemão de Lisboa

*von der Elbe bis an den Belt,
Deutschland, Deutschland über alles,
über alles in der Welt!
Deutschland, Deutschland über alles,
über alles in der Welt!*

Segue-se-lhe imediatamente a «Horts Wessel lied», o hino hitlerista, cantando com extraordinário entusiasmo e do qual damos, a seguir, as duas primeiras quadras:

*Die Fahne hoch! Die Reihen fest geschlossen!
S. A. marschiert in ruhig festem Schritt.
Kameraden, die Rotfront und Reaktion erschossen,
marschieren im Geist in unsern Reihen mit.*

*Die Strasse frei den braunen Bataillonen!
Die Strasse frei dem Sturmabteilungsmann
Es schaum aufs Hakenkreuz voll Hoffnung schon
[Millionen,
Der Tag für Freiheit und für Brot bricht an.*

As cortinas voltam a abrir-se e no palco surge agora um «écran» onde vai ser projectado o filme sonoro — «O dia do trabalho nacional».

Um parentesis, para dizermos que a fotografia e sonoridade deste filme são óptimos.

EM CIMA: O ministro da Alemanha em Lisboa e o pessoal da legação, assistindo à comemoração

EM BAIXO: Aspecto da sala do Clube Alemão de Lisboa durante a celebração do «Dia do Trabalho»

A projecção do filme é de quando em quando entrecortada pelos aplausos da assistência, sobretudo durante os discursos de Goebbels e de Hitler, pronunciados quando da festa do 1.º de Maio, realizada o ano passado.

Depois de nos apresentar o trabalho nas suas diversas fases, o filme, mostra-nos o que

foram as grandes manifestações em 1933, em Berlim, os aspectos da «Flughafen» e do enorme campo de «Tempelhof» peçados de gente, invadidos por uma multidão computada em dois milhões de pessoas.

A terminar o programa a orquestra deu os primeiros acordes da «Niederländisch: Dankgebet», que todos imediatamente entoaram.

A sessão solene, digamos assim, comemorando o 1.º de Maio, entre os alemães residentes em Lisboa terminava.

Agora o ambiente modificava-se: tornava-se em buliçoso e alegre. Cantava-se, dançava-se com satisfação e entusiasmo. Durante algumas horas tivemos a impressão de que regressáramos à Alemanha, àquele delicioso país onde as distrações e a animação atenuam as horas amargas e árduas do trabalho extenuante e quotidiano. E já a madrugada ia alta quando nos retirámos acompanhados, até à porta, pelo riso franco das formosas senhoras alemãs que, de braços dado com a alegria da música, tornavam aquele ambiente sedutor, atraente e inesquecível.

Em Berlim, a essa mesma hora, realizava-se uma manifestação gigantesca no campo de manobras de Tempelhof, em que tomaram parte cerca de dois milhões de pessoas.

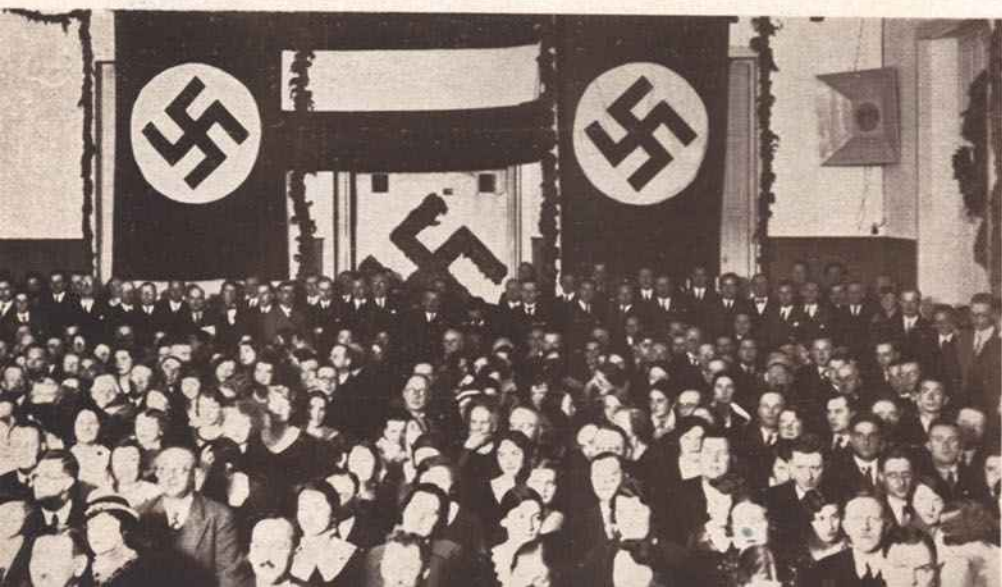
Para se dar bem a grandiosidade da manifestação, basta dizer que se perderam dos pais cinco crianças, entre 7 e 12 anos, e adoeceram 4 064 pessoas, devido a golpes de sol e a debilidade cardíaca.

Hitler, discursando, declarou que o povo alemão tinha o propósito de não alimentar espírito de vingança e que estende a mão a todos os outros povos, mas que não se deixará abalar na sua luta pelos direitos a que tem jus.

— A Alemanha — afirmou — está pronta a consentir, pela causa da Paz, os mesmos sacrifícios em que as outras potências consentirem.

Também no cume de Brocken Harz, a juventude alemã festejou o dia do trabalho. Durante todo o dia 1.º de Maio, delegações vindas de todas as regiões do Reich galgaram as abruptas encostas da montanha, ao som de pífanos e toques de tambores. À meia-noite troou um canhão e de inúmeras fogueiras subiam chamas.

T. C.



O aviador italiano Donati

bateu o "record" mundial de altura
subindo a 14.500 metros



A DIREITA: Donati entrando para a carlinga

EM CIMA: O «Caproni 114» em que foi batido o «record» de altura

AO CENTRO: O famoso piloto envergando o fato especial com que voou

EM BAIXO: Donati depois da grande prova



PERANTE uma assistência computada em 20.000 pessoas, o grande piloto italiano Donati, realizou, há dia, no aeroporto de Montecelio, uma arrojada prova de altura em que bateu o record mundial, atingindo em pouco menos de uma hora, 14.500 metros. Donati ocupou um avião especial — «Caproni 114» — com sistema de aquecimento e foi munido de um fato termo-elétrico com aparelhagem de respiração artificial. Ao aterrizar Donati teve uma síncope. Depois de voltar a si, declarou que, ao atingir a altura máxima, o termômetro registava 36,0 negativos, o que classificou de temperatura afritiva. O record anterior detinha-o o francês Lemoine, que atingira 13.661 metros em fins de 1933.



Entrada monumental da abadia dos beneditinos de Argenteuil, actualmente no jardim do museu Cluny, em Paris

CABE à França a glória de ser detentora duma das mais preciosas relíquias de cristandade — a famosa túnica sem costura que Jesus vestiu na sua passagem pela Terra e que, segundo reza a tradição, as próprias mãos da Virgem amorosamente teceram.

É na antiga abadia dos beneditinos de Argenteuil que esse pedaço de tecido, carcomido por dezanove séculos, se encontra guardado. A recordar facto tão notável desde 12 de Agosto do ano 800, isto é há mais de onze séculos, que os sinos da Abadia repicam festivamente todos os dias às 13 horas. E nem uma só vez, no decorrer desse tempo, acidentado por tantas vicissitudes, a tradição deixou de manter-se.

A túnica está encerrada num relicário que a preserva quanto possível dos estragos do tempo. Esse relicário encontra-se no altar-mór da basílica. Mas, de tempos a tempos, a túnica é dali retirada e exposta à veneração dos fieis. É rara essa cerimónia. Entre uma e outra exposição decorrem por vezes cinquenta anos. No século passado, por exemplo, só três se efectuaram: em 1804, 1844 e 1894.

Coincidindo com o encerramento do Ano Santo, a venerável relíquia acaba de ser mais uma vez solenemente exposta. Serviu para esse fim o magnífico relicário cinzelado que já figurou na exposição de 1894.

Como se calcula, a Santa Túnica da Abadia de Argenteuil tem uma história longa que merece a pena ser recordada.

Devemos começar por dizer que existem, no momento actual duas túnicas que reclamam entre si a glória de ter servido de agasalho a Cristo durante a Paixão.

Dizem os evangelistas que os soldados romanos dividiram entre si as peças de vestuário de Jesus. Ora é admissível que algum dos seus discípulos as tenha

resgatado, convencido de que elas eram sagradas e não deviam ficar na posse de mãos ímpias.

Partindo desse princípio não repugna supor que elas tenham sido conservadas, durante algum tempo, transmitindo-se de geração em geração. Nos começos do século quarto da era cristã, a mãe do imperador Constantino, convertido ao catolicismo, ordena que sejam procuradas em todo o Império as relíquias da

Paixão. São-lhe assim entregues muitas delas, entre as quais uma túnica que foi depositada em Treves e que ainda ali se encontra.

A meio do século sexto surgiu porém, outra túnica cuja autenticidade parece basear-se em dados dignos de fé. É Gregoire de Tours quem revela a sua existência na basílica de Galata. O historiador Fregeaire confirma, um século mais tarde, essa tradição que diz ter estudado



Desenho da Santa Túnica vista de frente e de costas. As partes sombreadas indicam as manchas de sangue

minuciosamente. A relíquia permanece em Galata até ao ano 860. O império do Oriente está então na posse da imperatriz Irene. Esta mulher estranha, que impõe o culto da religião cristã e manda cegar seu filho para que não possa subir ao trono, alimenta um sonho grandioso: casar-se com Carlos Magno e reunir, assim, debaixo dum mesmo cetro dois impérios: o do Oriente e do Ocidente.

Para conquistar as boas graças de Carlos Magno, Irene envia-lhe valiosos presentes, entre os quais a Santa Túnica. O imperador, profundamente devoto, recebe com júbilo a relíquia e confia-a à guarda de sua filha Theodrade, abadessa de Argenteuil.

O casamento projectado pela ambiciosa

Relíquia preciosa A SANTA TÚNICA que Jesus vestiu durante a paixão é adorada há 800 anos na vila de Argenteuil

Irene não chegou a fazer-se. Mas a relíquia não mais voltou a sair da França.

Sobrevieram as invasões dos normandos. A Santa Túnica é encerrada dentro duma parede e só dali sai em meados do século XII.

Os mais poderosos senhores vieram inclinar-se perante ela. Em 1156 foi, pela primeira vez, solenemente exposta perante Luiz VII. São Luiz, rei de França, venera-a em 1255 e 1260. Toma parte nas procissões de Saint Denis e Paris, respectivamente em 1529 e 1534. Dez anos mais tarde Francisco I manda fortificar a cidade para que a Santa Túnica estivesse a salvo de qualquer ataque inesperado. Em 1567, Argenteuil é saqueada pelos protestantes, mas os religiosos conseguem ocultar a relíquia que escapa, desse modo, á sanha destruidora do inimigo. Com o correr dos tempos, outros personagens célebres vão desfilando perante a túnica: Henrique III, Luiz XIII, Richelieu, Maria de Medicis, Ana de Austria, etc.

Vem depois a Revolução francesa. As congregações religiosas são dissolvidas e a túnica passa para a igreja paroquial. Mas no ano trágico de 93, o

cura Ozet, receando a sua destruição, corta-a em pedaços e enterra-a no seu jardim. Só após o período do Terror, ela é dali retirada. E assim se conservou até nossos dias esse documento de tão remota época.

Nos últimos tempos, a Santa Túnica não tem despertado apenas a piedade dos fieis mas também a curiosidade dos homens de ciência.

Diversas experiências têm sido tentadas, no sentido de se apurar da autenticidade da relíquia. A primeira experiência foi realizada em 1892 por Lafond e Rousset; fez-se outra no ano seguinte a que presidiram Guignet e David, respectivamente, director e sub-director das manufacturas de Gobelins e Beauvais. A última foi levada a efeito pelo abade Parcot, licenciado em ciências, que foi coadjuvado pelos químicos Maugé e Lemuller.

As pesquisas destes sábios orientaram-se em três sentidos: natureza do tecido, coloração e origem das manchas que a tradição diz serem de sangue.

Sobre o primeiro ponto os peritos reconheceram, duma maneira categórica, que o tecido era de origem animal. O microscópio revelou depois que não se tratava de pelo de cabra ou de camelo, mas simplesmente de lã.

Para a confecção da túnica foi usado um tear muito primitivo. Existe um engenho de origem egípcia no Museu de Tecidos de Lyon que deve ser muito semelhante ao que serviu para fazer esta túnica. A sua forma especial permitia tecer uma peça de vestuário circular sem costura.

Comparado o tecido com outros encontrados nos túmulos do segundo e terceiro séculos da era cristã a semelhança é absoluta. Este facto, embora não prove a autenticidade da túnica, é, no entanto, concludente quanto à sua antiguidade.

Outro elemento que permite verificar a época em que a túnica foi feita é a coloração. A análise demonstra que a tinta foi fixada no tecido por meio dum mordente com base de ferro. A cor castanho-avermelhada é feita com produtos de qualidade inferior que deviam ser de baixo preço.

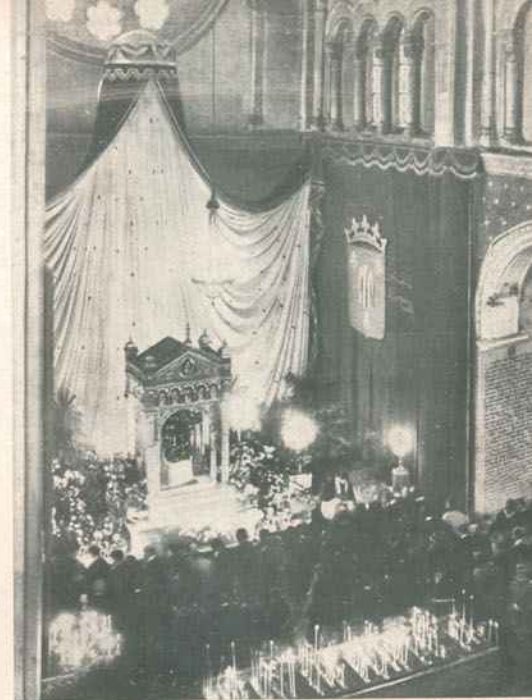
De resto, a qualidade da tinta é igual á de outros tecidos que datam dos primeiros séculos da nossa era.

O último ponto das investigações era também o que mais interesse oferecia.

Tratava-se de saber se as largas manchas que cobriam a túnica eram, como os fieis criam, provenientes de sangue coagulado.

Os dois peritos encarregados de proceder à análise confirmaram inteiramente essa crença. Por meio de pesquisas químicas e microscópicas puderam reconhecer a existência de sangue e identificar mesmo os glóbulos sanguíneos.

Como se compreende, nada disto demonstra de modo irrefutável que estejamos em presença de verdadeira túnica que



Interior da basílica de Argenteuil durante a cerimónia da exposição da túnica

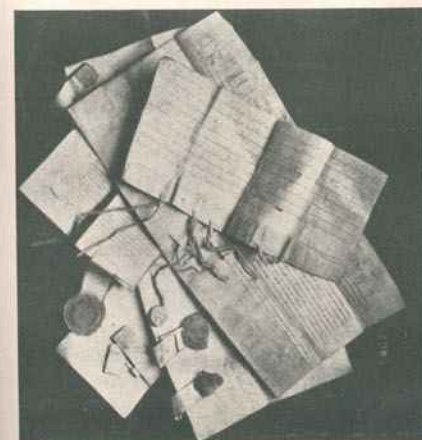
Cristo usou há 1901 anos, durante a sua crudelíssima Paixão. O que se demonstra é que essa humilde peça de vestuário parece remontar à época em que Cristo viveu. E que, tal como por certo sucedeu á do divino Rabi da Galileia, foi manchada de sangue justamente nas partes onde foi infligida a flagelação e no ombro onde o peso da cruz fazia sangrar a carne torturada.

O dia 30 de Março deste ano, sexta-feira santa, foi o escolhido para a exposição desta preciosa relíquia. Mais de seis mil pessoas se aglomeraram na basílica de Argenteuil para assistir a esse espectáculo que só talvez daqui a cinquenta anos se repita.

A cerimónia é, de resto, bastante simples. O bispo de Versalhes ajoelha-se em frente do relicário e depois de orar durante algum tempo abre-o e extrai a túnica. Ouvem-se cantos litúrgicos e, entretanto redige-se o processo-verbal da cerimónia. Depois do que a túnica é passada em procissão pelo templo.

É um espectáculo singular ver esse humilde despojo que mede pouco mais dum metro de comprimento e perante o qual a multidão se curva em fervorosa adoração.

Por fim, a Santa Túnica é deposta no altar. E durante três dias, peregrinações vindas de toda a parte do mundo, vêm perante ela render-lhe homenagem.



Mons. Roland-Guiseux e o conego Ileron examinam a relíquia

Alguns documentos emanados de diversos Papas desde 1156 e que autenticam a origem da relíquia



O mobiliário moderno e a comodidade



CADA época marca profundamente nos móveis usados. Depois das pesadas e trabalhadas arcas renascentes, dos cadeirões, dos armários, nem a mobília luxuosa cheia de dourados e espelhos da época de Luiz XIII e Luiz XIV, e em seguida a mobília leve e graciosa de perninhas arqueadas, tôda ela evocadora da época galante de Luiz XV, com os seus espelhos engriñaldados de rosas, com as suas sedas de fundo claro alegradas por raminhos duma graça gentil e tôda ela delicadeza.

Os leitos com os seus dóceis em sedas e rendas coroadas de plumas. O grande luxo em que a graça prevalecia. Nos móveis Luiz XVI começa a sentir-se a ameaça que na França, berço da moda em todos os tempos, pairava sobre a cabeça dos grandes da terra. Não havia ainda a renúncia à elegância delicada, mas começavam as linhas a serem direitas, os móveis a tornarem-se rígidos, como que numa reacção contra a loucura do luxo, que excitava a ira popular. No Consulado começa o mogno a fazer a sua aparição, que o Império consolida e aí temos o mobiliário império com as suas linhas direitas as suas pesadas guarnições de bronze, duma elegância severa, com as suas marquesas e canapés que têm qualquer coisa do "triclinium" romano. As mulheres vestiam à grega e à romana, é natural que os seus móveis se adaptassem ao seu vestuário.

Em seguida, a Restauração trás-nos os pesados e feios móveis com as suas guarnições de veludo de Utrecht. A arte nova no princípio d'êste século invadiu-nos com os seus incômodos móveis, cadeirinhas que pareciam não poder com um corpo humano. Espelhos de formas extravagantes, sustentados por cabeças de mulher com cabeleiras desgrenhadas, guarnecidas a crisântemos como as japonesas. Hoje temos o mobiliário moderno os móveis cómodos de depois da guerra. Os fôfos "divans" que servem de leitos, moda trazida da Rússia, com o seu sabor oriental. Os cómodos "maples" que a Inglaterra vulgarizou, as pequenas mesinhas baixas, que permitem improvisar em qualquer sala um canto íntimo e

comodo. Os armários práticos higiênicos e de linhas direitas, os móveis feitos para a vida prática de hoje.

Mas a moda não pára, e, não descansa a invenção humana. Tudo tende a variar e os móveis seguem sempre a tendência da época. A nossa época é a da higiene, é a da simplicidade e da clareza. O vidro começou a fazer uma tímida aparição nos móveis. No tempo das secretárias, nas mesas de "toilette". O uso do vidro que a princípio parecia uma estranha inovação, é agora vulgar na decoração. O que é novo é fazerem-se móveis em cristal, de maneira a que salas e quartos, possam ser tôdas mobiladas em vidro.

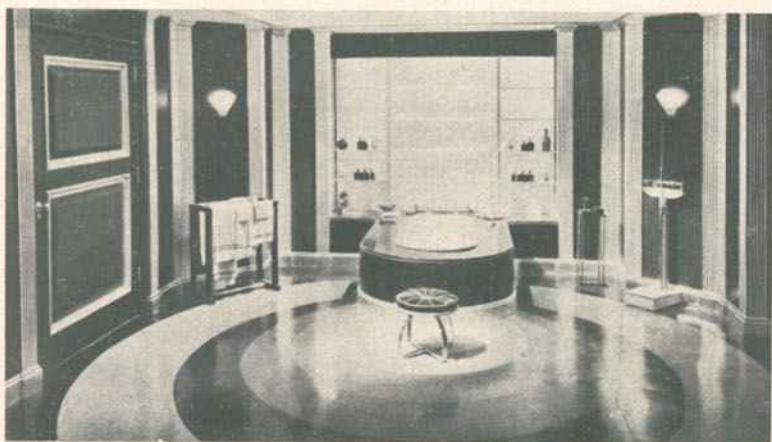
O ano passado começaram a aparecer os primeiros móveis em vidro. Em vez de ser o móvel de madeira guarnecido a vidro, o que se usa hoje é o móvel todo em vidro. Como se pode ver nas gravuras tudo o que guarnece as salas é em vidro. As paredes são forradas a vidro, tendo por baixo um fundo cinzento de maneira a formar um lindo fundo aos móveis em cristal. Nos cantos colunas em vitrolite, brilham com esplendor.

Em pedestais vasos de flores em vidro nos quais está escondida a luz, que indirectamente ilumina tôda a sala porque as luzes são reflectidas pelas paredes de vidro. Em volta do teto corre uma grega em cristal gravado. As únicas coisas que não são em vidro nesta sala são os estofos e o tapete. Êste é em lã branca, o tecido que forma o estôfo das cadeiras é em "moirée", branca e a "chaise-longue", é coberta com um "capitoné", em veludo "chiffon", branco. É impressionante de luminosidade o conjunto do cristal com a seda, o veludo e a lã branca. É o estilo novíssimo em todo o seu esplendor, as mesas em cristal cintilam como diamantes. A higiene

tem também o seu lugar. Tudo pode ser lavado com uma esponja húmida e a poeira perigosa, pelos micróbios que oculta, não encontra onde se alojar. As flores dão uma nota de vida ao que possa ter de glacial êste ambiente de vidro e brancura que nos faz pensar numa linda paisagem de inverno. Neve e gelo, em harmoniosos móveis. Se me perguntarem o que eu acho d'êstes móveis, eu direi o que sinto. São lindas invenções da imaginação do homem, que em todos os ramos da ciência, da arte, do comércio, trabalha sempre, inventa novas coisas, deseja melhorar e renovar tudo. Admiro tôdas estas coisas lindas que querem revolucionar o ambiente, acham-as encantadoras, numa sala de exposição dum belo armazem de móveis. Parece-me que deve dar um efeito lindo num palácio, entre muitas outras salas de recepção. Mas não poderá ser nunca uma sala em que se viva, um quarto onde se durma, uma casa de jantar onde se coma. São extravagâncias, que nós sentimos fóra da vida de todos os dias. A sala em que se vive tem de ser uma sala onde haja móveis que nós conhecemos tôda a vida, mesas onde se pode escrever, onde se podem colocar livros, pôr o trabalho, cómodas cadeiras. Não há, para mim, uma sala que mais simpática se torne, que uma dessas salas onde vemos um móvel antigo, que nos dá a ideia da estabilidade da família, um d'êsses móveis que sempre vimos junto de nós, a que estão ligadas recordações da infância, que nos falam dos entes queridos que perdemos, que nos recordam tanta coisa do passado, que é sempre saudoso, e que visinha com uma cómoda cadeira

moderna, que tem ao lado uma mesinha que nos põe ao alcance o livro, ou o trabalho, enquanto no centro ou a um canto está a mesa que nos dá o amparo da sua força, uma dessas salas em que se pensa na graça e na elegância, mas em que acima de tudo, nós descortinamos o desejo da comodidade para a vida familiar. Os ingleses têm mais do que nenhum outro povo a arte de arranjar as suas casas, nesse sentido da simples comodidade.

Maria de Eça.



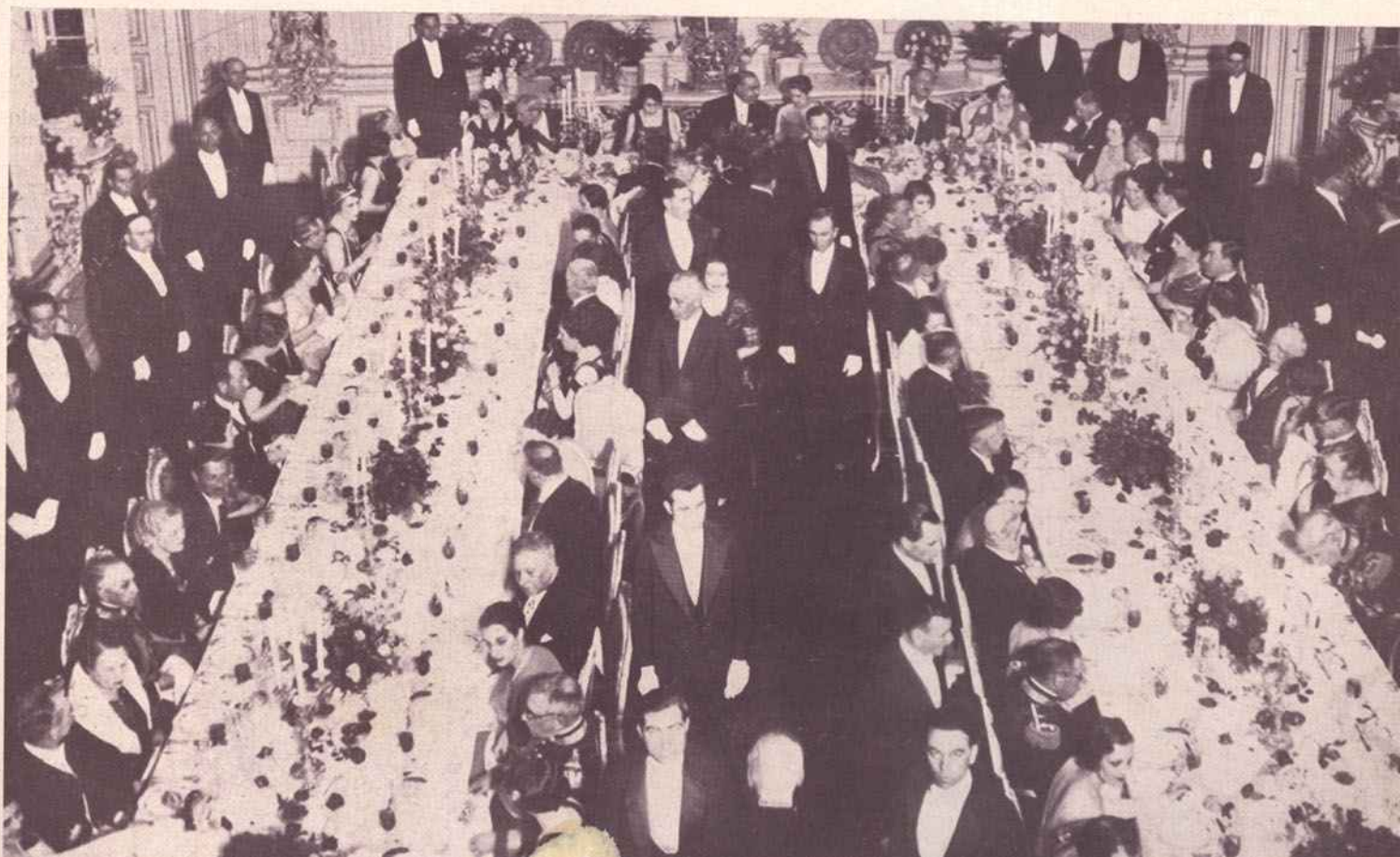
FIGURAS E FACTOS

NA LEGAÇÃO DA POLÓNIA — O sr. ministro da Polónia em Lisboa, sua esposa e mademoiselle Juchniewicz, ofereceram um almoço na legação a que assistiram os srs. coronel Cifka Duarte, inspector da Aeronautica; tenente-coronel Ribeiro da Fonseca, comandante do Grupo de Esquadrilhas «Aviação República» da Amadora; tenente-coronel Esmeraldo de Carvalhais, chefe do protocolo do ministério da guerra; capitão-aviador Plácido de Abreu, Fernando do Ponte e Sou, Schwarz, presidente da Câmara Polaca e Paszkiwicz, adido da legação. Antes do almoço, o sr. ministro condecorou com as insígnias honorárias da Aviação Polaca o sr. tenente-coronel Ribeiro da Fonseca. Aos brindes falou aquele ilustre diplomata e respondeu o ilustre aviador agradecendo, em simples e modestas palavras a distinção de que fôra alvo →



EXPOSIÇÃO DE AVICULTURA — Por iniciativa da Associação Central de Agricultura, realizou-se na Tapada da Ajuda a abertura da Exposição Anual da Avicultura, a que presidiu o sr. ministro da Agricultura, que foi recebido pelos directores daquela colectividade. Estão expostos admiráveis exemplares de várias espécies avícolas, convenientemente dispostos no amplo parque aviário, onde há também interessantes stands com utensílios da especialidade ←

UM BANQUETE AO CORPO DIPLOMÁTICO — O ilustre titular da pasta dos negócios estrangeiros, sr. dr. Caeiro da Mata, ofereceu, há dias, um banquete ao Corpo Diplomático, seguido duma recepção. À direita do eminente professor sentaram-se a sr.ª condessa de Lichtervelde, embaixador de Inglaterra, e senhora de Sousa Pinto, e à esquerda, senhora de Armindo Monteiro, embaixador do Brasil e senhora Koren. Em frente, sentava-se a senhora do sr. ministro da guerra, tendo à direita o sr. Nuncio Apostólico e à esquerda o chefe do governo. Pela vasta mesa, em forma de U, viam-se todos os membros do governo, do corpo diplomático acreditado em Lisboa, altos funcionários civis e militares e numerosas senhoras. A recepção, que esteve brilhantíssima, assistiram cerca de mil e duzentas pessoas. Foi uma festa de rara sumptuosidade e das que marcou pela grandeza e animação. ↓



ATLETISMO

OS CAMPEONATOS
ESCOLARES

e o próximo Lisboa-Madrid

A primeira manifestação do atletismo em pista foi, este ano, os campeonatos escolares, uma das mais úteis organizações da associação lisboeta. O desporto escolar deve ser apresentado como um complemento indispensável da educação física da mocidade portuguesa. Os estudantes precisam cuidar do corpo como cuidam do espírito, buscando no exercício físico um derivativo indispensável à sua vida de trabalho intelectual.

Felizmente temos, nos últimos anos, verificado um aumento sensível de actividade, mercê da atenção particular que alguns organismos oficiais desportivos decidiram consagrar à categoria escolar, enveredando por um caminho digno do maior aplauso e mais incondicional auxílio. Entre eles cabe um lugar de honra à Associação de Atletismo de Lisboa, a qual tem feito um enorme esforço de propaganda, cujos resultados práticos se denotam já no progresso das marcas conseguidas e no número dos participantes inscritos.

O atletismo foi sempre, no nosso país, essencialmente um desporto de estudantes, como de resto o é em todas as nações do mundo; perderam-se as tradições nos anos correspondentes à guerra e naqueles que imediatamente se seguiram, mas espalhados pelos clubs, os estudantes continuaram fornecendo farto contingente de campeões. Algumas tentativas especiais feitas durante essa época, falharam por desinteresse, e só há quatro anos assistimos ao verdadeiro renascimento do atletismo escolar. As provas deste ano revestiram-se de uma importância excepcional, por vários motivos.

Um belo salto de Costa Macedo, uma grande esperança na especialidade

Em primeiro lugar devemos considerar como alta-

mente significativa a presença do sr. Ministro da Instrução que assistiu ao último dia do torneio, acompanhado pelos directores de ensino e Secretário Geral do Ministério, o antigo atleta praticante e campeão escolar, sr. engenheiro Francisco Nobre Guedes.

Registemos depois a participação de alunos de quasi todos os liceus, vigorando ainda um regulamento de educação física que condena o desporto e reputa nocivo e anormal que as crianças corram e saltem.

Finalmente estas provas serviram ainda para nos elucidar sobre as possibilidades dos estudantes portugueses no próximo encontro com os seus camaradas madrilenos, organizado sob o patrocínio do jornal "Os Sports".

Os grandes vencedores dos campeonatos, tanto secundários como universitários, foram atletas consagrados das competições clubistas, Cristovão Cardoso, António Rendas, Álvaro Vieira, Guilherme Vasconcelos, José Júlio Duarte, o primeiro dos quais transpôs, saltando à vara, 3^m,30, que representa o segundo melhor resultado português na especialidade. Mas outros nomes de novos surgiram a par dos conhecidos e esses são os que mais nos importa animar, porque representam o futuro da mais bela modalidade desportiva.

Os "sprinters", Mário Ferreira, Neves Carvalho, Macedo Costa, Alves Pereira, os corredores de meio-fundo Jorge Stucky, Francisco Paulos e Joaquim Antunes, os saltadores em altura Macedo e Domingos Arouca, os saltadores em comprimento Henrique Costa e José Neto, os lançadores, Silva Fino, Matos Canas, Fausto Barata, são os valores mais im-

portantes do activo dos campeonatos de 1934.

A partida da final dos 100 metros universitários, vencida-se, em último lugar da fila, o vencedor da prova Antonio Renda

Melhoraram-se

oito records e igualaram-se dois, sendo alguns dos primeiros superados por mais de um homem; infelizmente os conhecimentos técnicos continuam sendo insuficientes na maioria dos concorrentes, que muito melhores resultados poderiam conseguir se não usassem apenas as suas qualidades naturais.

O esforço organizador da A. A. L., limitando-se à promoção anual dos campeonatos é insuficiente no estado presente do atletismo escolar da capital; é urgente proporcionar aos estudantes ensinamentos directos, evitando-lhe erros de início talvez irremediáveis, ou excessos que venham a ser prejudiciais.

Consta-nos, felizmente, que a Escola Superior de Educação Física ponderou este problema, estudando-o minuciosamente, no propósito de tentar no ano próximo a visita semanal de técnicos especializados aos liceus e estabelecimentos de ensino secundário.

Esta iniciativa é digna do maior aplauso, e oxalá encontre um acolhimento favorável que permita seu integral aproveitamento.

Entretanto, aproveitando condições oportunamente favoráveis, vamos presenciar no sábado e domingo próximo a primeira manifestação internacional do atletismo académico português, que nos vem abrir um inesperado e vasto horizonte, pois fica desde já assegurada a visita dos nossos rapazes a Madrid na época próxima, possivelmente para disputar um torneio triangular em que entrará também Paris, e será preciosa fonte de ensinamentos.

O empreendimento mereceu o aplauso e a colaboração de todas as entidades oficiais e pessoas honestas e bem intencionadas. Houve quem, recendo rebentar de inveja e despeito, pretendesse embaraçar a marcha dos acontecimentos; coisas habituais num conhecido pai do atletismo, que deu assim a mais triste demonstração da sua miséria espiritual, mas cuja pretendida intervenção apenas encontrou apoio, como era lógico, em quem era de igual categoria. São estes indivíduos que comprometem o brio e a dignidade da causa desportiva. Quando virá um Hercules varrer as cavalariças de Augias?

Salazar Carreira.



Os novos submarinos da Armada Portuguesa

são navios de grande valor militar



— EM CIMA: O «Delfim» deslizando pela carreira nos estaleiros da casa Vickers. EM BAIXO: O novo submarino da nossa armada a fluctuar

Nos estaleiros Vickers, em Barrow-in-Furness realizou-se há dias, com grande brilhantismo, a cerimónia do lançamento à água do primeiro dos três novos submarinos da Armada Portuguesa, que fazem parte do programa naval de 1930: o «Delfim».

A' cerimónia assistiram autoridades navais e civis britânicas de Barrow, consul de Portugal, Missão Naval Portuguesa, Missão Naval Brasileira e muitos outros convidados.

Foi a esposa do comandante Quintão do Amaral quem quebrou uma garrafa de champagne de encontro à proa do submarino, sendo o acto do baptismo sublinhado com uma grande salva de palmas.

Quando o «Delfim» deslisou pela carreira, uma orquestra executou os hinos português e inglês.

Sobre os cascos dos dois outros submarinos — «Espadarte» e «Golfinho» — ainda nas carreiras, aglomeraram-se muitos operários e outras pessoas, que assim assistiram à passagem do «Delfim» para a água.

O novo barco de guerra deslisou rapidamente para a água, sendo, depois, levado por dois rebocadores para o molhe dos estaleiros.

Depois do lançamento, todos os convidados seguiram para a séde da direcção dos estaleiros, onde foi servido um lanche.

Usando da palavra o sr. Graven, director da casa constructora, proferiu um caloroso discurso, recordando a velha amizade entre Portugal e a Grã-Bretanha, para depois se referir ao esforço português na Grande Guerra, tanto em África e

em França, como no mar, ao lado da Inglaterra, como seu fiel e secular aliado.

O novo submarino é um navio de grande classe, barco de alto mar, deslocando 900 toneladas à superfície e 1.105 em imersão. Mede 75 metros de comprimento e 7 de largura, é artelhado com um canhão de 100 mm. e duas peça-metralhadoras anti-aéreas de 40 mm. e dispõe de 6 tubos lança-torpedos e de depósitos para transportar mais 12 torpedos.

Tem um raio de acção que lhe permite navegar à superfície, sem escala ou reabastecimento, cerca de 5.000 milhas à velocidade de 10 milhas horárias e em imersão 110 milhas a 4 milhas horárias. A velocidade máxima deste magnífico barco é de 17 milhas à superfície e 8 em imersão. A' velocidade de 17 milhas o «Delfim» pode percorrer sem escala cerca de 2.080 milhas.

Trata-se como se vê, de um barco de grande valor militar, muito superior, àqueles que ainda possuímos e que contam já 17 anos de serviço.

Construídos em Spezzia, durante a guerra, os velhos submarinos têm cumprido bem, como bem cumpriu o seu antecessor — o «Espadarte» — que abriu entre nós em 1911 a escola de navegação submarina.

O «Delfim», bem como os dois outros iguais a lançar em 30 do corrente, são navios do mesmo tipo dos melhores que a Espanha hoje tem ao serviço e pertencem a uma das classes adoptadas pelo almirantado inglês.

A assistência durante a execução dos hinos português e inglês após a cerimónia do lançamento



O Extremo-Oriente e o Cinema

O extremo-oriental, com a sua civilização exótica e os seus costumes estranhos, tem tentado muitos realizadores cinematográficos. É inculcável o número de filmes cuja acção decorre nas longínquas paragens da Ásia, quase sempre reproduzidas nos estudos das grandes firmas americanas.

O chinês foi mesmo, durante muito tempo, um personagem típico do cinema a quem se atribuíam comodamente as piores qualidades e os mais pífidos instintos.

Existe, porém, um extremo-oriental de lenda, produto duma literatura barata, e outro real de contrastes violentos e inesperados aspectos.

Como é natural, o cinema começou por lançar mão do primeiro. Foi a época dos mandarins dissimulados, dos crimes misteriosos, dos suplícios cruentos e dos romances de amor entre *geishas* frágeis e oficiais de marinha europeus, num cenário de papel de seda e xarão.

Pueril embora, esta visão convencional do extremo-oriental serviu de pretexto a alguns filmes de categoria. Recordemos, por exemplo, «Mister Wu» com Lon Chaney, e muito mais recentemente, «Madame Butterfly» com Sylvia Sydney e Clark Gable.

Mas a verdadeira visão dos povos da raça amarela e da sua civilização estranha, foi-nos dada em primeiro lugar por um actor japonês, o extraordinário Sessue Hayakawa. No filme «A Batalha», um dos primeiros programas do Tivoli, se não estamos em erro, Hayakawa interpretou soberbamente o drama incompreensível do chefe nipónico que sacrifica tudo pelo triunfo da sua raça.

Mais tarde veio um filme definitivo, desses que marcam uma época no cinema. Foi «Tempestade na Ásia», de Pudovkin, obra de trágica grandeza que revelava, nos seus aspectos singulares, as misteriosas regiões do Tibet. Timour, inesquecível criação de Inkijinov, repre-

sentava nesse filme o símbolo da raça mongólica. Incarnava o seu terrível despertar que, como um sópro gigantesco, varria do seu território o estrangeiro intruso. Desta vez já não era Ásia convencional imaginada pelos produtores de Hollywood. Mas sim um formidável documentário de ritos milenários colhidos no seio dessas paragens mal conhecidas por um realizador de génio.

«Tempestade na Ásia», exerceu como não podia deixar de ser, influência profunda na arte do cinema. Praticamente, a primitiva concepção simplista e convencional do extremo-oriental desapareceu do *écran*. Os filmes que lhe sucederam são já animados dum maior escrupulo, duma cor local mais rigorosa e mostram-nos os aspectos verdadeiros e desconcertantes dessas regiões distantes e desses povos estranhos.

Tal é o caso, por exemplo, de «O expresso de Xangai», filme que, sem ser de longe um documentário, visto que foi realizado nos estúdios norte-americanos, dá num quadro restrito, um aspecto flagrante das condições de vida na China dilacerada pela anarquia.

Mas a Ásia remota, com as suas religiões incompreensíveis, os seus povos exóticos, a sua opulência fantástica e a sua miséria infinita, esse continente enorme, berço de civilizações opostas, dilacerado por guerras e catástrofes sem par, não nos revelou ainda todos os seus segredos. O cinema está longe de ter fixado a essência íntima dessas regiões de aventura onde a Morte e a Miséria exercem despótico domínio.

E por esse motivo, os filmes sobre o extremo-oriental constituem matéria de justificado interesse.

Um filme recente, interpretado por um grupo notável de actores, retrata esse ambiente de que as mais terríveis aventuras fazem parte integrante. Chama-se «No fim do Mundo» e a sua acção decorre na remota cidade de Khar-

bine. Nesse recanto da Ásia defrontam-se duas raças hostis,

dois povos que não podem compreender-se, dois mundos distintos. Dum lado está a Rússia, desconfiada e cautelosa, sempre em guarda contra a infiltração dos seus inimigos políticos e as reacções imprevisíveis dos seus vizinhos. Do outro lado, a Manchúria convulsionada pelas agitações internas, vendo em cada homem de raça branca um inimigo ou um espião.

O entrecho de «No fim do Mundo», que a crítica estrangeira exalta dizendo atingir por vezes a grandeza da tragédia antiga, é a história dum punhado de europeus colhidos de surpresa em plena guerra civil na China. A cidade transformou-se em campo de batalha. Dum lado está a Rússia a barrar-lhe o caminho, pronta a ver nêles perigosos inimigos do seu regime político. Do outro, os generais chineses que os suspeitam de espiões. Forçoso lhes é abandonar esta região devastada por uma luta de destruição incompreensível. As comunicações estão cortadas. Os comboios não circulam. E durante uma noite inteira, esse punhado de brancos, de pensamento posto na doce Europa distante, organizam a fuga numa locomotiva abandonada.

Esta passagem do filme, que constitui a parte principal da obra, é duma grandiosidade emocionante. Tudo se passa numa noite, mas uma noite que dura um século. As esperanças, os desalentos, as intrigas, os actos de heroísmo e as cobardias, dominam o pequeno grupo de fugitivos. Em conjunto, trata-se duma das mais intensas e sóbrias realizações do cinema. A acção magistralmente conduzida mantém o espectador angustiado da primeira à última imagem. É essa sensação de pesadelo só se dissipa quando, reparada a via férrea, os fugitivos podem, por fim, seguir viagem até Mudken e aí iniciar o regresso à Europa por Xangai, Singapura, Colombo, Marselha e Paris.

Charles Vanel, Kate de Nagy e Pierre Blanchard interpretam a versão francesa desta obra emocionante que revela, nos seus aspectos terríveis e ferozes, a extremidade misteriosa do continente asiático.



Anna May Wong,
a celebre vedeta
japonesa



Ramon No-
varro numa
cena do fi-
me «Canção
do Oriente»



EM CIMA: Os estudantes na fronteira portuguesa — no Caia

A DIREITA: O alcaide de Córdova e as autoridades cordovesas com as pastas e capas dos quaritanistas



EM BAIXO: Senhoras cordovesas com as capas dos académicos portugueses e um aspecto do lanche na nova Escola de Medicina Veterinária de Córdova



EM CIMA: Um grupo de raparigas cordovesas, sendo se, à esquerda, o nosso distinto colaborador sr. Armando de Aguiar

AO CENTRO: Os estudantes à saída do governo civil de Córdova

A ESQUERDA: «Miss» Córdova, 1933, que acompanhou sempre a visita dos estudantes

EM BAIXO: Os académicos atravessando triunfalmente as ruas de Córdova a caminho do «Ayuntamiento»





Os cinco aviões alinhados no campo na véspera da partida

DESDE o dia 4 do corrente que uma esquadilha de cinco aviões de bombardeamento de Alverca, está a realizar uma curiosa viagem de instrução e treino por Espanha e África.

A partida da esquadilha — a que assistiu o sr. general Daniel de Sousa, governador militar de Lisboa, — foi às 8 e 50 dêsse dia, dirigindo-se os aparelhos a Sevilha, onde chegaram duas horas depois.

Seguiam: no «13» — «Azemor» — o major Pinheiro Correia e o tenente Humberto Cruz; no «10» — «Mazagão» — o capitão Sérgio da Silva e o chefe dos mecânicos, sargento-ajudante Arnaldo; no «1» — «Ceuta» — o tenente Baltazar e o 2.º sargento Diniz; no «9» — «Çafim» — o tenente Ciriaco e o 1.º sargento Lobo e no «6» — «Casa Branca» — o tenente Melo Rodrigues e o capitão-observador Tadeu da Silveira.

Os cinco aparelhos, sobrevoaram a cidade e dirigiram-se, depois, para o aerodromo, onde desceram. O primeiro a tocar o solo foi o n.º 13, e, a seguir, quasi ao mesmo tempo, os demais aviões.

Os aviadores eram aguardados, ali, pelo nosso consul e por muitos aviadores espanhóis, que lhe dispensaram uma recepção muito afectuosa.

Os oficiais portugueses, acompanhados pelos seus camaradas do país vizinho, visitaram as instalações do aerodromo, enquanto os mecânicos procediam à lubrificação e revisão dos motores.

A seguir, os aviadores foram apresentar cumprimentos ao capitão general da Andaluzia, após o que almoçaram. À tarde, estiveram no Aero Club Sevilhano e no consulado de Portugal, e percorreram alguns locais pittorescos da cidade, em automovel.

Os aparelhos foram abastecidos com 1.100 litros de essência e 50 de óleo.

Depois de receberem homenagens significativas, os aviado-

O «Azemor» — avião-chefe da esquadilha — em pleno vôo

res largaram no dia 5 para Casablanca onde chegaram após três horas de vôo.

Estavam presentes o consul de Portugal, quasi toda a colónia portuguesa, que é numerosa, e muitos aviadores franceses, que proporcionaram aos recém-chegados uma recepção entusiástica. Nessa altura, chegou, também ao campo, o sr. general de divisão Vuillemin, que veio do interior, de propósito, num avião, para apresentar cumprimentos aos aeronautas portugueses.

O percurso realizado foi de 490 quilómetros.

Os oficiais portugueses visitaram as instalações do 6.º regimento de aviação e as da Companhia «Air France». Foi-lhes oferecido depois, um almoço, que decorreu com grande animação.

As tripulações da esquadilha estiveram, á tarde, a cumprimentar o general comandante da região militar e o «maire» da cidade, após o que visitaram o consulado de Portugal e o Aero Club de Marrocos.

Por equívoco, as autoridades de Rabat esperavam que os aviões portugueses descessem no aerodromo daquela cidade e haviam, até, organizado um banquete em honra dos aviadores.

Aos oficiais da esquadilha foi oferecida uma taça de champanhe, pelos seus camaradas franceses, o que deu motivo á troca de afectuosos brindes.

Durante alguns dias os aviadores fo-



O major-aviador Pinheiro Correia ao entregar o pára-quedas, momentos antes da largada

ram alvo de várias homenagens, partindo no dia 9 para Rabat, onde tiveram, uma entusiástica recepção, pois eram aguardados por muitos milhares de pessoas, entre as quais se viam, os membros da colónia portuguesa, que agitavam grandes bandeiras verdes-rubras, o gene-

A NOSSA AVIAÇÃO

Uma esquadilha de cinco aviões está realizando uma viagem de instrução e treino pelo sul de Espanha e norte de Africa



O comandante da esquadilha, a caminho do seu avião, acompanhado do governador militar de Lisboa

ral Vuillemin, chefe do «Cruzeiro Negro», e comandante da aviação francesa em Marrocos, e muitos oficiais franceses.

Numerosas meninas portuguesas aproximaram-se dos recém-chegados e ofereceram-lhe grandes ramos de flores.



A tripulação da esquadilha de Alverca na manhã da partida

Efectuou-se, depois, um almoço, presidido pelo general Vuillemin, findo o qual os oficiais portugueses foram depôr uma palma no monumento aos Mortos da Guerra.

À tarde, os aviadores tiveram recepção no Club Português, onde se efectuou um banquete. Por fim, visitaram o governador geral, que lhes dirigiu calorosas palavras de saudação.

Os tripulantes da esquadilha visitaram o posto emissor de Rabat, cuja direcção convidou os srs. major Pinheiro Correia e tenente Humberto da Cruz a dizer algumas palavras ao microfone.

Em primeiro lugar o locutor do posto anunciou a chegada dos aviadores, disse da satisfação dos franceses por receber ali representantes da nação portuguesa e soltou vivas a Portugal e á França.

Em seguida, o sr. major Pinheiro Correia pronunciou estas palavras:

— Profundamente sensibilizados com as recepções que vêm recebendo na sua modesta viagem de instrução e treino, os aviadores portugueses agradecem ás autoridades francesas e aos portugueses que pela África francesa moirejam, os acolhimentos dispensados nos diversos pontos de passagem. Oxalá que esta nossa viagem constitua ao mesmo tempo um pretexto para dar maior prestígio ainda á nossa Pátria e para estreitar as relações entre a França e Portugal. Em

nome da esquadilha portuguesa de aviação de bombardeamento: Viva a França! Viva Portugal!»

Em seguida, o sr. tenente Humberto da Cruz pronunciou algumas palavras de agradecimento ás autoridades francesas e por último o locutor do posto encerrou a emissão especial dizendo:

— Portugueses de Portugal! Oxalá todos tenham ouvido a voz dos aviadores vossos compatriotas que no estrangeiro prestigiam a sua Pátria. Do coração os franceses de Rabat gritam: Viva Portugal! Viva a França!

Finda a emissão, realizou-se um grande banquete, presidido pelo consul geral de Portugal em Marrocos, sr. Fernando Vasques.

No dia 10 os aviadores efectuaram com muito mau tempo a etapa Rabat-Marraxe, onde foram igualmente recebidos com entusiasmo.

Em 11 foi feita a etapa Marraquexe-Mequinés, também debaixo de muito mau tempo.

No dia 13, depois dum almoço oferecido pela colónia portuguesa, em Maquínés, a esquadilha levantou vôo apesar da chuva que caía e da bruma que cerrava o horizonte. Em consequência das péssimas condições atmosféricas os aviões 1, 9 e 13 aterraram em Tetuão e o 6 e 10 em Tanger, dispersando-se, assim, a esquadilha. Nesta cidade os aviadores visitaram a Legião Estrangeira e foram alvo duma calorosa recepção.

Seguiram-se Tetuão-Ceuta, Ceuta-Málaga, Málaga-Los Alcazares, Los Alcazares-Madrid e Madrid-Lisboa.

Quando sair este número da «Ilustração» a esquadilha deve estar já em Madrid, a poucas horas de largar para Alverca, completando assim a sua útil viagem.

O «Mazagão» — com o 2.º comandante da esquadilha





CONSAGRAÇÃO UM ESTADISTA

O MONUMENTO ao marquês de Pombal

foi solenemente inaugurado no dia 13
cinquenta e dois anos
após o lançamento da primeira pedra

No passado dia 13, aniversário da morte do marquês de Pombal, realizou-se na Rotunda o acto da entrega à Câmara Municipal de Lisboa do monumento erigido à memória do célebre estadista que foi ministro omnipotente de D. José I.

Cerimónia simples, mas cheia de dignidade e significação, por isso que corôa o esforço dedicado das comissões que durante cinquenta e dois anos trabalharam neste sentido.

Em volta à estátua, a multidão cedo se começou a aglomerar, contida a certa distância pela polícia e Guarda Republicana. Evoluía no ar um aeroplano. Visto lá de cima, o aspecto da vasta praça coalhada de povo era, sem dúvida, imponente.

As 14 horas exactas, o sr. general Norton de Matos deu início à cerimónia depondo um ramo de flores, com fitas das cores nacionais, no pedestal do monumento. Inclinaram-se representantes de muitas colectividades, entre as quais a Escola Officina n.º 1, Cantina Escolar de S. Miguel, Centro Escolar Democrático de Campo de Ourique, Grémio Popular, Grémio Escolar Republicano de Alcantara, Grémio Escolar Republicano Tomaz Cabreira, Asilo de S. João, operários da Câmara Municipal de Lisboa, etc.

Continuavam, entretanto, a afluír as personalidades em destaque convidadas para assistir ao acto, que eram acolhidas pelos membros da comissão executiva do monumento, srs. general Vieira da Rocha e Estêvão Aguiar, coronel dr. Oliveira Simões, José Pedro Moreira, capitão de mar e guerra João Carlos da Costa, major-médico dr. Veiga e Sousa, Alexandre Ferreira, drs. Germano Martins, Daniel Rodrigues, Felipe Mendes, Estêvão da Silva, Afonso de Melo, José Augusto Pimentel

tel e capitão Elisebeto José Tavares. Eram secundados nesta tarefa pelos autores do monumento, escultores Simões de Almeida e Leopoldo de Almeida e arquitectos Adães Bermudes e António do Couto.

O sr. general Vieira da Rocha, presidente da comissão executiva do monumento, ao iniciar a leitura da sua mensagem.

A banda da G. N. R. tomou lugar num dos coretos da praça. A multidão engrossava de momento para momento. Finalmente chegou ao local o sr. ministro das Obras Públicas e Comunicações, dr. Duarte Pacheco, que após a troca de cumprimentos tomou

a presidência da cerimónia no estrado para êsse fim ali collocado.

À direita do ministro sentou-se o presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Lisboa, sr. tenente-coronel Linhares de Lima; e à esquerda, o actual marquês de Pom-

bal, engenheiro-agrônomo sr. Manuel de Carvalho e Melo Daun e Lorena.

Apenas dois discursos estavam previstos e só êsses se realizaram. Tomou a palavra, em primeiro lugar, o sr. general



Antes da intervenção do marquês de Pombal, o sr. general Norton de Matos deu início ao acto.

Vieira da Rocha. Em nome da comissão executiva disse fazer entrega do monumento ao Município de Lisboa. Apreciou depois a vida e a obra do marquês, fazendo o seu elogio numa síntese rápida e brilhante. Agradeceu a todas as pessoas que prestaram colaboração e auxílio à comissão ou de qualquer modo contribuíram para a execução do monumento. Dirigindo-se aos auctores do projecto e seus colaboradores felicitou-os em termos calorosos pela sua obra. Agradeceu depois a companhia do sr. ministro das Obras Públicas e evocou a memória dos membros das diversas comissões que morreram sem ver a obra terminada entre os quais destacou Magalhães Lima e José Pinheiro de Melo.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. tenente-coronel Linhares de Lima. Começou por apançar a figura do ministro D. José à luz da verdade histórica. Declarou em seguida que a Câmara Municipal toma à sua guarda o monumento e prestou homenagem às qualidades de inteligência do sr. general Vieira da Rocha.

O sr. dr. Duarte Pacheco descerrou, em seguida uma lâmina gravada na base do monumento. Ao mesmo tempo, eram içadas, em dois mastros erguidos em frente da estátua, a bandeira nacional e o pavilhão esquadreado de negro e branco do Município. A banda da G. N. R. tocou o hino nacional. Foi lido o auto da entrega do monumento à Câmara que todas as individualidades de categoria presentes assinaram. Estava terminada a cerimónia.

A noite a praça marquês de Pombal esteve profusamente iluminada. As bandas de Caçadores 3 e Sapadores de Caminho de Ferro tocaram, alternadamente, nos dois coretos ali levantados.



As finais dos campeonatos de «football» em França, Espanha e Inglaterra



O Estádio de Colombes, em Paris, onde se realizou o último encontro para a posse da Taça de França, entre os grupos de Sete e de Marselha

ENQUANTO em Portugal o campeonato nacional de «football» ensaia os primeiros passos, a competição máxima líquida por essas nações da Europa a sua actividade, reunindo em estádios grandiosos muitas dezenas de milhares de espectadores entusiasmados. Durante a quinzena passada três grandes finais prenderam a atenção do mundo desportivo, consagrando a popularidade do mais divulgado dos jogos ao ar livre.

Em Wembley, em Colombes, em Montjuich, multidões apaixonadas seguiram as evoluções de vinte e dois homens que ardorosamente disputavam, após um árduo caminho de lutas e dificuldades, a glória moral do título de campeões de Inglaterra, de França ou de Espanha.

Porque raro se regista a coincidência em tão curto espaço de tempo, de tantas manifestações desportivas de semelhante importância, e ainda porque as três finais deste ano se revestiram de características excepcionais, pareceram-nos interessantes estes breves apontamentos, pitorescos para os conhecedores do desporto, preciosamente elucidativos para aqueles que o consideram ainda com o soberano desprezo da sua intelectualidade cem por cento superior.

Para os amadores de «football», assistir a uma final da Taça de Inglaterra, em Wembley, é a consagração definitiva do seu entusiasmo. Diz-se: «Quando presenciei a final da Taça», com o mesmo orgulho e idêntica união à dos mahometanos quando afirmam ter orado em Meca, ante o túmulo do profeta. Eis o motivo porque os lugares se disputam com ardor e, todos os anos a lotação se esgota muitos dias antes da realização do encontro. Assim foi este ano, e 93.258 espectadores se acumularam nas bancadas de Wembley, proporcionando aos cofres da Federação uma invejável receita de 24.970 libras, mais de 2.700 contos em moeda portuguesa!

Não se julgue, porém, que esta multidão fantástica, que nenhum outro espectáculo do mundo seria capaz de reunir, traduz a capacidade máxima da «aficção» londrina, pois alguns milhares de pessoas permaneceram nos arredores do estádio, onde não haviam conseguido lograr entrada, acompanhando indirectamente as peripécias do

jogo. E mais ainda: no mesmo dia e à mesma hora, dois encontros do torneio da Liga se realizavam na capital inglesa, juntando-se nos respectivos campos 70.000 pessoas para ver o Arsenal bater White Lane, e 25.000 a aplaudir a vitória de Tottenham sobre Sheffield.

A final da Taça em Wembley reveste-se tradicionalmente de um cerimonial que fez escola, como adiante veremos: o rei Jorge V, desce ao terreno antes de começar o jogo, para ser apresentado aos dois grupos adversários, apertando a mão a cada um dos jogadores; e no final, o troféu é entregue por suas mãos ao vencedor, bem como as medalhas comemorativas aos vencidos.

Manchester City, triunfador em 1934, fôra o finalista derrotado em 1933; o capitão do grupo, ao receber a ambicionada taça das mãos de rei, e agradecendo-lhe as felicitações, recordou-lhe



O Estádio de Wembley, de Londres, onde se jogou a final da Taça de Inglaterra

que há um ano, quando lhe fôra entregue a medalha de vencedor, prometera voltar em situação de vencedor, sentindo-se orgulhoso por tão rapidamente cumprir a promessa.

O jogo foi particularmente emocionante; Portsmouth esteve a ganhar por 1-0 até um quarto de hora do final e manteve-se empatado até três minutos da conclusão, que foi quando Manchester marcou o «goal» da vitória. A tensão nervosa dos jogadores foi de tal ordem, que o guarda-redes do Manchester, que conta apenas dezanove anos e pela primeira vez alinhava numa final, caiu desmaiado após o apito derradeiro do árbitro.

Em Colombes, o saudoso estádio olímpico de 1924 onde os uruguaios conquistaram os seus

primeiros louros mundiais, também 40.600 pessoas vieram acompanhar a luta, entre Sete e Marselha, para a posse da Taça de França, entregando à Federação 490.524 francos, ou seja mais de 720 contos.

O público, comprimido nos lugares de peão, forçou o gradamento que o separava do terreno e invadiu as cabeceiras, não sem que resultassem alguns feridos na aventura.

Como em Londres, o Chefe de Estado, presidente Lebrun, veio ao rectângulo saudar os jogadores e entregou ao capitão do grupo de Sete, a valiosa taça em disputa. O presidente e animador do clube triunfante, que é uma das mais populares figuras dirigentes do «football» francês, não pôde assistir ao encontro por se encontrar

de cama, doente. Os jogadores tiveram a feliz lembrança de o irem visitar directamente à saída do estádio, levando-lhe o troféu conquistado e uma alegria que talvez tenha auxiliado a cura.

Em Barcelona, no magestoso estádio de Montjuich, o Madrid arrancou dificilmente ao Valência um título que há dezasseis anos lhe andava arrédo; mais de quarenta mil pessoas em torno do «tapete verde», o presidente catalão e todas as autoridades, presentes na tribuna oficial, Zamora a receber das mãos do sr. Companys a taça simbólica, — uma terceira representação do mesmo espectáculo imponente.

A prova máxima espanhola também não escapou ao incidente sensacional: o Valência marcou o primeiro ponto, ficando em vantagem, e a bola de empate do favorito Madrid, foi anulada pelo árbitro a pretexto de uma deslocação que parece não haver existido.

Era este o quarto «goal» anulado ao Madrid no decurso do campeonato, e sempre em situações decisivas; no célebre quarto-de-final disputado ao Atlético de Bilbao, e que só ao quarto encontro se decidiu a seu favor, os árbitros já haviam retirado aos madrilenos três pontos legitimamente obtidos.

A-pesar-de tudo venceram, lutando contra todas as adversidades, e demonstrando que o melhor protesto para as injustiças do destino é combater sem desânimo, mantendo a calma dos fortes e o apuro dos disciplinados. Belo exemplo.

Não possuímos, em Portugal, uma arena desportiva equivalente a estas, de Londres, de Paris, ou de Barcelona, mas nem por isso esfriará o entusiasmo do público, quando, daqui a um mês, assistir também à grande final portuguesa.

S. C.



O Estádio de Montjuich, em Barcelona, onde o «Madrid» ganhou a Taça de Espanha ao «Valência»

O MOSTEIRO DO ESCORIAL

jazida
de duas infantas de Portugal

«A la sombra de sus muros venerables se encuentra el calor de la Patria común.»

GIL ROBLES



ESTANDO as tropas castelhanas, comandadas pelo general Felisberto Emanuel, duque de Saboia, a sitiarem a praça francesa de Saint-Quentin, prometeu o rei Filipe II, de Castela, caso a providência concedesse a vitória dos seus soldados, mandar edificar na vila do Escorial, lugar muito da sua afeição, um mosteiro em tudo digno de tão alto feito de armas.

Quiz o Deus da guerra atender o soberano, pois que, ao amanhecer do dia em que a igreja soleniza o mártir S. Lourenço, e apesar da vinda, em auxílio dos sitiados, de um numeroso exército, sob as ordens do Condestável Monsieur de Montmorency, feriu-se a batalha decisiva, que concedeu os louros da vitória, às forças de Espanha.

A promessa do rei foi cumprida.

Mandou o soberano espanhol, ir ao seu Alcazar de Madrid, o mestre de engenho e arquitecto João Baptista de Toledo, para delinear o risco do prometido mosteiro, o qual, segundo as ordens do monarca, devia ter agregados, um templo e um palácio, e, a seu traço, ter a forma de uma grelha, como memória do suplício infligido a S. Lourenço.

Assim foi executado o portentoso Mosteiro do Escorial, que levou 22 anos a edificar, e é de tal grandeza, que conta 1.860 câmaras e salas, 12.000 janelas e portas, 80 escadarias, 17 claustros, 73 fontes, 48 adegas, 51 sinos, e, mais dos que tudo, 1.560 painéis.

A sua encentrante igreja, que foi construída pelo modelo da Basílica de S. Pedro, de Roma, e que conta 48 altares e 8 órgãos, é de uma imponência assombrosa: Ao meio, quatro enormes pilares sustentam uma alta cúpula de dezesseis faces, rematada por um magnífico lanternim; as abóbodas são ornadas de admiráveis frescos de Lucca Giordano; o altar-mór, com proporções agigantadas, é uma aglomeração de jaspe, pórfiro, mármore e bronze dourado, comportando uma infinidade de ornatos. As riquezas da Espanha e das suas antigas colónias, parecem terem-se exaurido nesta obra que, aliás, ficou enriquecendo, enormemente, o património monumental espanhol.

O seu palácio, igualmente parte integrante do enorme edifício, possui, também, uma opulenta e magestosa biblioteca, singular, principalmente, em manuscritos arábicos, além de uma aparatosa

galeria de batalhas, ornada de belos frescos, verdadeiras obras primas, sendo dignos de visita os aposentos reais, muito especialmente, pela curiosidade, aqueles, modestíssimos, onde o seu régio fundador expirou, e que são constituídos por uma câmara ladrilhada, de paredes caiadas, toda rodeada de lambris de azulejos de Talavera de la Reina, quasi sem mobiliário, e iluminada por uma só janela, tendo ao lado, duas alcovas que serviam, uma, de gabinete de trabalho, outra, de quarto de dormir, no qual, uma abertura praticada na parede que dá para a capela-mór, permitia a Filipe II, seguir, do leito, os officios divinos realizados no templo.

Dois portões, com serventia pelo "Patio de los Reys", dão acesso exclusivo, a essa última jazida régia — o da esquerda, aos infantes, o da direita, aos soberanos, os quais só podem aí entrar duas vezes: uma em vida, quando da coroação; a outra, na morte, quando levados á sepultura.

No principal mausoleu, todo decorado de custosos adornos, e que é presidido por um altar neo-clássico, encontram-se sepultados em simétricas urnas assentes em enfileiradas prateleiras, os corpos dos reis, Carlos I, Filipe II, Filipe III, Filipe IV,

Carlos II, Luiz I, Carlos III, Carlos IV, Fernando VII, Afonso XII, e as dez rainhas que, desde essas datas filipinas, tiveram filhos que se sentaram no fausto trono de Espanha.

É nestes lugares sepulcrais, que jazem duas das mais excelsas princesas lusiadas: Dona Maria, linda filha de D. João III, nascida em Coimbra, a 15 de Outubro de 1527, consorciada em Salamanca, com Filipe II, quando ainda Príncipe Real, e falecida de parto, em Valladolid, a 12 de Julho de 1545; e Dona Izabel, formosa filha de D. Manuel I, nascida em Lisboa, a 24 de Outubro de 1503, casada em Sevilha, com Carlos V, e finada em Toledo, a 1 de Maio de 1531.

Foi esta última, a gentil senhora que motivou a conversão de D. Francisco de Borja, — o apaixonado cavaleiro-mór da Real Casa, Vice-Rei e capitão-general da Catalunha, IV Duque de Gandia, e Marquês de Lombay, que foi, no último quartel de existência terceiro Geral da Companhia de Jesus, depois de morto, inscrito no catálogo dos Santos, e que, incumbido pelo Imperador viúvo, de acompanhar o feretro da desditosa Imperatriz, até à Catedral de Granada, ao ser este aberto perante o Mestre de Avila, para a formalidade oficial do reconhecimento do cadáver, vendo, com horror, o desfigurado rosto da esbelta mulher que, tanto em segredo, muito amara, jurou "no más servir a señores que en gusanos se convierten".

Corre desde então a lenda que, nesse mesmo dia e na mesma hora, "viu a grande serva de Deus, Soror Francisca de Jesus, Abadessa do Mosteiro de Gandia, ao estar em oração, sair do Purgatório, assistida de alguns anjos, a alma da Rainha de Castela". Sim; essa Infanta Portuguesa, neta dos Reis Católicos, unificadores da Espanha, que acrescentaram aos seus domínios um Novo-Mundo, e filha do Rei das Conquistas, que numerava trinta e dois Reinos tributários e quatrocentos e trinta e três Praças presidiadas, e que, além dos seus territórios nas costas de África e nas águas do Atlântico, contava, de senhorio, oito mil léguas, na Ásia, e mais de nove milhões de quilómetros quadrados, na América, para orgulho e engrandecimento da sua Pátria — Portugal!



D. Isabel, filha de D. Manuel I

E. Raposo Botelho.

VIDA ELEGANTE

Festas de Caridade

NO NACIONAL

A recita de caridade, que na tarde de domingo último, se realizou no teatro Nacional, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte D. Alix Maury de Melo, D. Clarisse de Freitas Lomelino de Sousa Guimarães, D. Helena Mauperrin Santos Ferrão de Castelo Branco, D. Isabel de Melo de Almada e Lencastre, D. Maria do Carmo da Cunha Corrêa de Sampaio, D. Maria Isabel d'Orey Corrêa de Sampaio, D. Maria da Luz da Câmara d'Orey Corrêa de Sampaio, D. Maria das Mercês Bianchi Plantier e viscondessa de Atouguia, a favor da Casa de Protecção e Amparo, de Santo António, em que tomou parte um brilhante grupo de crianças, senhoras e rapazes, revestiu extraordinário brilhantismo.

NO AVIZ HOTEL

Na tarde de sábado 19, realisa-se no Aviz Hotel, uma interessante festa de caridade, levada a efeito por uma comissão de senhoras de que fazem parte condessa de Gonçalves Pereira, condessa de Taboiera, D. Judite Benjamim Pinto, D. Maria Adelaide Daun e Lorena de Carvalho Nunes, D. Maria de Carvalho Daun e Lorena Bruges de Oliveira, D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, D. Maria Isabel d'Orey Corrêa de Sapaio, D. Maria Roquete de Campos Henriques, D. Nazaré de Almeida de Carvalho Daun e Lorena e D. Sofia Buzaglo Abecassis, cujo produto se destina a favor de várias obras de beneficência. A festa constará de «chá dançante», que será abrilhantado pela orquestra «jazz-band», do hotel. Haverá também um salão reservado para partidas de «Mah-jong» e «Bridge».

NO S. LUIZ CINE

No dia 1 de junho realisa-se no S. Luiz Cine uma *matinée* em benefício da simpática instituição de beneficência «Enxoval do Recem-nascido», com sede na «Maternidade Alfredo da Costa».

Casamentos

Na paróquia do Sacramento, realizou-se o casamento da sr.^a D. Ermelinda Moreira dos Santos Segurado, filha da sr.^a D. Berta Moreira Segurado e do nosso querido amigo sr. José Júlio dos Santos Segurado, com o sr. João Kurt Morgenstern, filho da sr.^a D. Maria da Visitação Morgenstern e do sr. Kurt Morgenstern, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a irmã do noivo sr.^a D. Irene e Morgenstern Morgado e de padrinhos o pai da noiva e cunhado

O casamento da sr.^a D. Ermelinda Moreira dos Santos Segurado com o sr. João Kurt Morgenstern.

do noivo sr. dr. António Cavaleiro Morgado. Terminada a cerimónia religiosa foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à avenida da República, um finíssimo lanche.

— Com grande brilhantismo, realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Sara Castelhão Pinto e do sr. Manuel Joaquim Pinto, com o sr. Mariano Duarte, filho da sr.^a D. Alzira Garcia Duarte, e do sr. Amelio Durte, servindo de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos depois para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

— Na paróquia de Santos-o-Velho, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Herminia Serzedelo de Almeida, gentil filha da sr.^a D. Ida Celeste Serzedelo de Almeida e do major sr. Francisco António de Almeida, já falecidos, com o engenheiro sr. Luiz Pimentel Pinto de Vasconcelos, filho da sr.^a D. Maria Luiza Pimentel Pinto de Vasconcelos já falecida e do sr. comandante Júdice de Vasconcelos, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Herminia Serzedelo de Vasconcelos Correia e D. Maria Emilia Allen de Vasconcelos e de padrinhos o sr. engenheiro António de Vasconcelos Correia e o pai do noivo.

— Com grande intimidade, realizou-se na paróquia de Santos-o-Velho, o casamento da sr.^a D. Maria Luiza de Abreu Marques, filha da sr.^a D. Eugénia de Abreu Marques e do general sr. Eduardo Marques, antigo ministro das colónias, com o sr. José Augusto Vieira da Rocha e Sá, inspector da Shell, em Coimbra, filho da sr.^a D. Maria dos Prazeres da Rocha e Sá e do sr. Augusto da Rocha e Sá, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche partindo os noivos depois para Coimbra, onde foram fixar residência.

— Em Mafra, realizou-se, na Basílica do Convento, com grande brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Maria Palmira Soares de Sousa Teles, filha da sr.^a D. Maria do Patrocínio Soares Sousa Teles e do sr. brigadeiro Casimiro Teles, ilustre comandante da Escola Prática de Infantaria com o sr. tenente António Amaro Romão, filho da sr.^a D. Maria da Boa Hora Santos Romão e do sr. Pedro dos Santos Romão, servindo de padrinhos os pais dos noivos.

Celebrou o acto religioso, Sua Excelência Reverendíssima, senhor bispo de Beja, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.



Finda a cerimónia foi servido no salão da meza da elegante residência dos pais noiva, no convento de Mafra, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos para Coimbra, onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Eulalia Celeste Soares Proença, filha da sr.^a D. Constantina Olga Gonçalves Proença, e do falecido tenente-coronel José Proença, com o sr. dr. João Candido de Oliveira, filho da sr.^a D. Alice de Oliveira e do sr. José de Oliveira. Foram madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Amelia Cabral Marinho Falcão e padrinhos os srs. professor dr. Francisco Gentil e general Cabral Lucas.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria Marques, recebendo os noivos grande numero de artísticas e valiosas prendas.

— Na paróquia de Santa Isabel, realizou-se o casamento da sr.^a D. Helena Rodrigues Gonçalves, gentil filha da sr.^a D. Josefa Camacho Rodrigues Gonçalves, e do sr. Manuel Iglesias Gonçalves, já falecidos, com o sr. José de Oliveira Carvalho, filho de Margarida Augusta Pinto Carvalho e do sr. António de Oliveira Carvalho.

Serviram de padrinhos por parte da noiva seus tios o sr. Inocencio Camacho Rodrigues, ilustre Governador do Banco de Portugal, e sua esposa, e por parte do noivo seu primo sr. Belmiro de Carvalho e sua esposa.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos padrinhos da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos grande numero de artísticas e valiosas prendas.

— Realizou-se na paróquia de Santa Isabel, o casamento da sr.^a D. Maria da Conceição Andrade Corvo, filha da sr.^a D. Herminia Noemia Ferreira de Sousa Andrade Corvo, e do sr. António Maria Andrade Corvo, já falecido, com o clínico sr. dr. António Ribeiro Vasconcelos Dias, assistente do Hospital D. Estefânia, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a tia do noivo sr.^a D. Maria Moutinho Vasconcelos Dias, e de padrinhos os srs. tenente José Biscaia Rabaça e o tio do noivo tenente coronel médico Alfredo Guilherme de Vasconcelos Dias.



Leopoldo III

novo rei dos belgas

também pratica o alpinismo

ENTRE os desportos que mais número de condições, físicas exigem e mais riscos oferecem, o alpinismo ocupa, sem contestação, o primeiro lugar.

As grandes ascensões requerem, de facto, um conjunto excepcional de aptidões: robustez, coragem, decisão e sangue-frio. E expõem, por outro lado, o escalador aos mais graves perigos. Em muitas ocasiões a sua vida está confiada a uma corda, aos seus pulsos, a uma anfractuosidade da rocha. Um passo em falso, uma hesitação, um minúsculo fragmento de pedra que se desagrega e é a morte.

Apesar disso — talvez mesmo por isso — o alpinismo conta grande número de cultores apaixonados

que antepõem a tudo o prazer de vencer as alturas e tomar de assalto os seus mais escarpados píncaros.

Entre os nomes ilustres do alpinismo figura em destaque o de Alberto I, o popular rei dos belgas, victimado por um trágico acidente no decurso duma pequena ascensão nos maciços rochosos de Ardenes.

A paixão de Alberto I pelo desporto que havia de o victimar era conhecida em todo o mundo. O real alpinista realisára já grande número de ascensões particularmente difíceis. Quando sofreu o desastre que lhe custou a vida empreendia apenas uma escalada de pequena importância que tinha por fim manter o treino já adquirido em empresas de maior vulto.

Contava 58 anos de idade e estava ainda longe do limite imposto à realização dessas duas provas desportivas. Mais que em qualquer outros desporto, é comum encontrarem-se entre o mais arrojados cultores do alpinismo, homens de avançada idade. Assim, ainda não há muito tempo que Brolle levou a cabo a escalada do Monte Branco, contando a linda idade de 80 anos. E muitos outros casos semelhantes se poderiam citar.

Se a dedicação de Alberto I era, duma maneira geral, conhecida em todo o mundo o mesmo não sucede com seu filho que lhe sucedeu no trono com o título de Leopoldo III. E, contudo o novo rei dos belgas é também um alpinista destemido que se tem ilustrado com a prática de façanhas numerosas.

Foi o próprio rei Alberto quem iniciou seu filho na prática do perigoso desporto. Leopoldo, então príncipe herdeiro, partilhava do entusiasmo de seu pai. Certo dia, já alguns anos, ligados por uma corda, como é de uso, subiram ambos um dos mais abruptos píncaros do monte Cadou. Depois disso, Leopoldo realizou um sem número de ascensões nos Alpes Dolomitas. Subiu assim aos

cumes do Diabo, de Avercau, e à ponta das Chamas, seguindo nesta última o caminho aberto pelo campeão dos escaladores alemães, Hans Dülfer.

Em Setembro do ano passado lançou-se ao assalto do mais perigoso rochedo dos Dolomitas.

Um dos seus companheiros, Dominico Rudatis, conta do seguinte modo, essa notável proeza:

«Em 2 de Setembro de 1933 reunimo-nos no refúgio Vazzoler, linda vivenda alpestre situada perto do rochedo, Leopoldo de Brabante, o barão Carlo Franchetti, Attilio Tissi, Giovanni Andrich e eu. O rochedo opôs-nos uma resistência terrível, mas a caravana real acabou por triunfar. O nosso augusto companheiro foi o primeiro a erguer-se sobre a extremidade do rochedo inacessível que nenhum ser humano tinha pisado até esse dia. Não esquecerei nunca o encanto dessa vitória consagrado pelo rito do baptismo pelo qual pudemos dedicar o cume conquistado ao nosso real companheiro dando-lhe o nome de Brabante. A cerimónia foi absolutamente simples. Erguemos o montículo tradicional e depositamos entre as pedras um bilhete com o nome dado ao píncaro, a data e os nossos nomes. Sua alteza assistia ao baptismo, com a cabeça loura descoberta, como se quisesse prestar homenagem ao cume do maciço rochoso, o mais difícil dos Dolomitas, cuja ascensão exige decisão e audácia da parte dos escaladores».

É provável que tendo presente o trágico fim de seu pai, Leopoldo III se abstenha, agora de praticar o seu desporto favorito, tendo em vista os perigos que dele podem resultar não só para si como para a sua pátria. Mas também é possível que a tentação da montanha e o gosto da aventura vençam as prudentes advertências que, decerto, não deixam de lhe ser feitas.

Três aspectos das escaladas de Leopoldo III nos Alpes Dolomitas





Rutie Iruan, gentil actriz francesa que desempenha um papel no filme «O Ouro da Ufa»

contradizem as previsões dos alquimistas. Estes, ao pretenderem obter a transmutação dos metais, entreveiam, mais ou menos confusamente, a teoria da unidade da matéria. Admittiam, portanto, que os vários metais fossem diversos estados duma matéria única.

Lavoisier, ao lançar as bases da ciência química, fixou um certo número de corpos irreductíveis ou elementos, cuja divisão se considerava impossível. E desde então a alquimia foi relegada aos domínios da magia.

Mas a descoberta da radioactividade veio revolucionar este critério. A ciência modificou o conceito de que o átomo era formado duma única porção de substância inditível e impenetrável. Reconheceu, pelo contrário, que ele era constituído por pequenos núcleos e que a proporção destes determinava as qualidades dos diversos elementos.

A partir desse momento admittiu-se a hipótese da desintegração do átomo e por consequência a da transmutação dos elementos.

Essa transmutação é hoje um facto. Sábios de categoria mundial, como Mithé na Alemanha e Nagasaka no Japão, realizaram neste sentido curiosas experiências empregando descargas electricas de enorme potencia. Os resultados, por vezes positivos, não estão ao abrigo de toda a critica visto que as quantidades de ouro obtidas são de tal modo pequenas que podem ser provenientes de impurezas. Mas é hoje em fim um facto assente que elas são inteiramente possíveis.

É neste tema de excepcional interesse científico que se baseia «O Ouro», novo filme da «Ufa». O problema abordado nesta espectacular produção é o da transformação do chumbo em ouro pela desintegração atómica.

Para a realização deste filme, a grande empresa cinematográfica esteve em intima colaboração com os sábios que na Alemanha procuram alcançar a solução do problema. O espectador assiste, pois, a impressionantes experiências técnicas, exactas em todos os seus pormenores, mas que no filme se vêem coroadas de êxito absoluto. Essas experiências decorrem em parte no laboratório dum sábio e mais tarde numas formidáveis oficinas submarinas onde se obtém, pela primeira vez a produção do ouro artificial.

Nos seus trabalhos, os sábios alemães têm empregado correntes electricas duma intensidade de sete milhões de volts. No filme, admittiu-se a possibilidade de pôr em acção correntes catódicas duma intensidade ainda maior. Essas descargas de altas tensões formam um dos espectáculos mais maravilhosos do filme e exigiram dos operadores cinematograficos um trabalho exaustivo.

Foram utilizados no filme os aparelhos e instalações que a técnica moderna criou e de que os sábios se servem para resolver o problema.

A grande empresa de electricidade A. E. G. cedeu todos esses instrumentos e os técnicos especializados que dirigiram a filmagem e orquestraram a produção de cenas, cuja

Uma impressionante imagem do gigantesco laboratório onde se produziu o ouro artificial

CINEMA

Transmutação do chumbo em ouro

Os segredos da alquimia moderna

grandiosidade enchou de entusiasmo os criticos berlineses perante o qual o filme já foi exibido.

Sacha Guitry, o eminente artista francês, é autor, entre muitas outras obras de grande valor, duma peça sobre a vida de Pasteur.

Há muito tempo que lhe eram dirigidas pro-



Brigitte Helm, protagonista do grande filme da Ufa a que nos referimos nesta pagina

postas para interpretar no écran a figura do glorioso sábio. Sacha Guitry recusou sempre, mas ao ter conhecimento de que se está realizando nos Estados Unidos um filme sobre o mesmo assunto, mudou bruscamente de opinião e aceitou as ofertas que lhe eram feitas.

Por esse motivo, Pasteur vai reviver no cinema animado pelo talento duma das maiores figuras da cena francesa.

O grande romancista inglês H. G. Wells está manifestando, desde a adaptação ao cinema do seu romance «O Homem Invisível» uma marcada predilecção pela arte do claro-escuro animado.

Para essa adaptação, Wells pôs-se em contacto com os produtores, fez-lhes sugestões, deu conselhos e tomou assim uma parte activa na realização do filme.

«Não queria que me assassinassem o meu «Homem Invisível» — explica ele — Queria que fosse respeitado o objectivo da minha obra a fim de poder conhecer quais as reacções dum



Kate de Nagy, a formosa «starlet», que obteve um grande êxito com a sua interpretação de «No fim do Mundo»

homem normal em face dum homem vivo que ele não pudesse ver.

Falando da sua intervenção no filme, diz: «Já tenho vendido os direitos de adaptação de algumas das minhas obras. Por vezes essas adaptações fizeram-se e eu não as reconheci. Mas desta vez é bem o meu «Homem Invisível».

Não podia, decerto, o realizador esperar melhor elogio, de resto merecido porque essa obra que é considerada o maior êxito de livreria dos últimos vinte cinco annos, encontrou na versão cinematográfica uma réplica extraordinariamente impressionante.

Wells é de opinião que são os argumentos fantásticos os que mais convêm ao cinema.

É a esse respeito escreveu o seguinte:

«Sou partidário dos entretinhos fantásticos e imaginativos para o filme. É verdade que não passo duma criança no que se refere à arte cinematográfica, mas, entendendo que o amor e o sex-appeal não devem ocupar um lugar excessivo num filme fantástico. É o que se fez no meu «Homem Invisível» e por isso não lhe dirijo as censuras que outras adaptações das minhas obras me têm provocado».

«Vi «O Homem Invisível» no Tivoli de Londres. Claude Rains, o protagonista, aparece e desaparece diante dos nossos olhos. Não percebo nada de fotografia, mas deve ser um truiz magistral. Creio que esta produção agra-dará imenso aos amadores da técnica fotografica».

Como é natural, estas lisonjeiras referências do grande escritor mais aguçam ainda o nosso desejo de ver no cinema esse extraordinário filme.

Molière está sendo adaptado ao cinema em França. Actualmente está-se procedendo à filmagem de «Le Malade Imaginaire» e em breve serão realizados «Le Médecin malgré lui» e «Les Fourberies de Scapin».

Nestas adaptações o texto é escrupulosamente respeitado. Não se modifica a mais insignificante réplica de Molière, o que aumenta, como se calcula, o interesse que essa série de películas vem despertar.

Dranem, o grande artista que há quarenta annos exerce a sua arte nos palcos franceses, será o protagonista desses filmes.

«Nana», um dos melhores romances de Emile Zola, foi há pouco adaptado ao cinema pelo grande produtor norte-americano Samuel Goldwyn.

Já em tempo nos referimos a essa versão cinematográfica do livro que forma um dos principais trechos da série dos Rugon-Macquart, para dizer que a liberdade dos realizadores não conheceu nesta obra quaisquer limites, a ponto de o filme só no título evocar a obra em que se baseia.

Ora acontece que o filho e a filha do grande escritor naturalista, dr. François Zola e M.^{me} Denise Le Blond, acabam de requerer aos tribunais que o citado filme seja interdito, a fim de se pôr termo ao que elles consideram um escândalo.

Para se fazer idea dos argumentos invocados pelos herdeiros do escritor basta ler o seguinte considerando da representação por elles entregue à justiça e de cuja redacção se encarregou o illustre advogado Alexandre Zévaco:

«Considerando que esta obra é uma deformação completa do romance; que os episódios mais característicos deste foram suprimidos ou modificados; que a

Willy Frisch, o mais celebre gail da Europa e considerado um dos primeiros do Mundo

intriga foi alterada; que a obra não só ficou irreconhecível através a versão cinematográfica, como nem nela já existe.»

A acção, como vemos, é perfeitamente formal.

Baseado nela os filhos do eminente escritor requerem que o filme seja imediatamente retirado do mercado ou que, pelo menos, não sejam suprimidas as palavras Nana e Emile Zola.

Contra isto argumenta a «United Artists» distribuidora do filme, entre outras coisas, o seguinte:

«Por deferencia para com Zola e a sua obra, Samuel Goldwyn quis estabelecer contrato com os filhos do romancista. Neste contrato, o produtor, mediante pagamento duma elevada quantia, ficava com o direito de usar o título de «Nana» no mundo inteiro e de extrair um argumento original do romance».

A questão, cujo género já não é novo nos meios judiciários, vai ser ponderada pelos juizes que decidirão sobre se as reclamações apresentadas pelos filhos de Zola são ou não atendíveis.



Uma do filme «O ouro» que permite avaliar a grandeza das construções que se empregaram

DE CORAÇÃO ABERTO

A PARENTEMENTE não há diferença, entre um malandro e um homem de bem.

Os dois sabem dizer as mesmas coisas. Só nas acções se distanciam: o homem de bem cumpre o que diz, o malandro falta sempre à sua palavra.

É bom esperar pelos factos e não nos deslumbrarmos com os discursos que não passam de fogos de vista.

Dizem os franceses: «Quand on pas ce que l'on aime, il faut aimer ce que l'on a.»

Não pude nunca obedecer a êste ditado. Quando não tenho o que desejo, não há nada que me satisfaça em troca.

Nem tento a substituição. Em ideais, sobretudo, vale mais jejuar do que substituir.

O espírito é sempre vencido pela matéria. Uma «sopeira» bem encadernada, a vomitar asneiras por todos os poros, seduz e prende mais a «besta» que há no homem, do que uma mulher inteligente.

Eles dizem que não, mas a cada passo o provam, mesmo sem se darem conta, escravos da carne vil.

É preciso uma coragem formidável para viver nú de ilusões, sem ter sequer a folha de parra da esperança para tapar a chaga do nosso desencanto.

«Tenha paciência» — diz-se ao mendigo que esmola. Assim nos diz a sorte, quando lhe pedimos umas migalhas de ventura —. «Para a outra vez será» e essa vez nunca mais chega. Afinal, mendigos todos nós.

Se o nosso coração não queimasse as ilusões que dentro dele morrem, estalava com o peso.

As cinzas carregam menos, suportam-se melhor, embora algumas teimem em não arrefecer nunca.

Os homens dizem que as mulheres são esfinges. Mas quem os entende a êles, quem? Nanja eu.

Porque será que quem mais promete mais falta?

É a mania das grandezas levada ao apogeu. Quem não pode ser grande em virtudes, é-o em vícios.

Não me admira que se fique sem fala, por uma comoção violenta. Por isso as grandes dores são mudas. Quem grita muito sente pouco.

O grito é um desabafo, mas só é permitido nas pequenas feridas de alma, dessas que só atacam a superfície. Quando o golpe é profundo, estanca-se a voz e mesmo o pensamento.

O amor de um instante pode ser mais violento e mais completo do que um amor velho de anos.

Num só instante se ama, se sofre e se renuncia. É questão do peito onde vai cravar-se a sua flecha.

A humanidade tem sede de independência.

Os quartos com porta para a escada e os bancos dos veículos para uma pessoa são os mais procurados.

Na nossa vida espiritual também gostamos das situações, com saída fácil.

O peor é que pode acontecer acharmos a porta trancada, pelo destino e, às vezes, pela maldade dos que ficaram de fora.

Dizem que tudo chega, para quem sabe esperar, mas chega tão tarde quasi sempre o que queremos, que já não vale a pena, quando a morte não vem cortar-nos essa probabilidade de vitória mais cedo.

Quem não consegue ser farto de bens reais farta-se de fantasia.

O coração ilude-se mais facilmente do que o estômago.

O egoismo é a gangrena da alma e manifesta-se nos mais corriqueiros dos nossos actos.

Vejam como o passageiro que vai no banco do eléctrico se desvia, para dar o lugar onde o sol bate, ao passageiro que entra.

Camilo dizia que quanto mais conhecia os homens mais gostava da companhia dos cães.

Que faria, se êle vivesse agora, em que quasi já nem os cães se aproveitam...

Vi uma vez, em fita está, claro uma gibóia devorar um porco. Enrolou-se nêle e com os seus anéis partiu-lhe os ossos e esticou-o; depois absorveu-o.

lentamente, até que da vítima só se via o vulto dentro da pele da glutona.

Assim faz connosco a desventura. Agarra-se a nós, tritura todos os nossos sonhos, amolece a nossa energia e depois de bem esmagadinhos engole-nos.

Mas, ventre insondável, o vulto do que fomos não transparece nunca.

Muito roubados somos nós por êsses ladrões chamados preconceitos!

Quantos momentos venturosos se perdem, com medo dêsse papão que é o preconceito público! E para quê? Se as mais das vezes êsse papão nos maltrata sem motivo?

Melhor é ser espancado com razão, do que sofrer inocente.

Uma folha de papel em branco martirisa e consola, segundo os olhos que a vêem. Martírio para os vendilhões do templo das letras, consolação para os simples e os sinceros que nelas desafo-gam suas máguas e risos.

Como eu lastimo os analfabetos! O seu cérebro é tão escuro como uma caverna onde o sol não encontra fresta por onde possa entrar. Um cérebro que se ilumina é mais uma lâmpada acesa, no altar da Civilização.

Passamos muitas vezes ao lado da ventura e não conseguimos possuí-la. Ou ela nos foge, quando vamos deitar-lhe a mão ou, cegos de espírito, não sabemos vê-la.

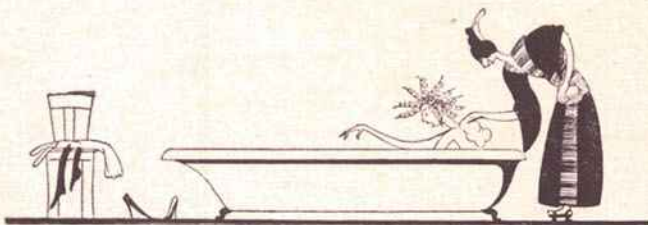
Quantas vezes os nossos olhos se marejam de pranto, sem sabermos porquê. Lembranças de vistas que os deslumbraram, que nós esquecemos e êles guardaram para sempre.

A vida é da côr dos óculos que a nossa alma usa. Mas, se isto certo, é certo, também, que os nossos óculos se embaciam depressa e tudo nos parece confuso e indistinto, senão negro completamente.

A humanidade está cada vez mais insuportável. A ambição, a inveja e a maldade são três companheiros inseparáveis que se agarram ao homem e o subjugam.

Um coração sem amor tem a tristeza de uma gaiola vazia dos cantos de uma ave.

Mercedes Blasco.



A desculpa...



— Os senhores agentes tenham a certeza... de que foi um suicídio... Vê-se logo...

Um crime bárbaro



— Olha!... Uma mulher cortada aos pedaços... e...
— Provavelmente... trata-se dum suicídio...

O espírito francês e o caso Stavisky

A verdade veiu ao de cima...



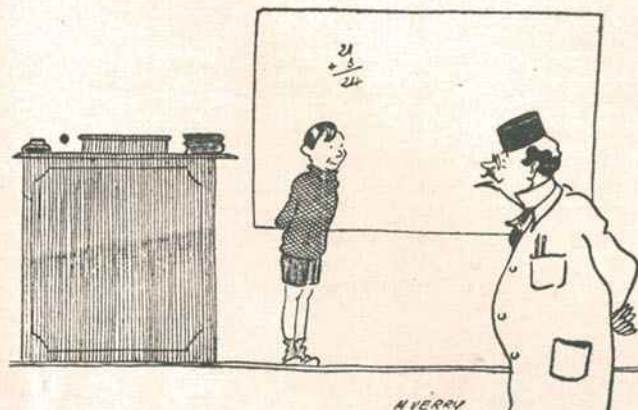
...mas veiu cortada em bocadinhos...

A Justiça faz a diligência...



...embora muito empurrada...

Os acontecimentos



— Qual é o animal que se alimenta de cadáveres?
— É o antigo ministro do interior...

A Justiça... faz-se...



...mas matam-se os que conhecem os criminosos...

A polícia trabalha...



— Não se sabe grande coisa... mas já se sabe que não se sabe nada...

O inquérito prossegue...



— A verdade vai sair... meus senhores. Está a acabar de se vestir...

Um julgamento



— O senhor tem um mau passado...
— É possível... mas, juro ao senhor juiz, que não fiz parte do ministério Deladier...



Um aspecto do bazar...

A caminho dos bazares descem a montanha, em filas indianas, os indígenas como autómatos, os indíge- nas. Incansavelmente, marcham a direito, silenciosos, como em procissão de penitência. Deixam as estradas e os carreiros estreitos e tortuosos, escorregam e trem- pam pelas ravinas, contornam os precipícios, sempre em frente, para encurtar- rem caminho, com céstos sobre as costas, prósos á testa por uma cinta de cizal ou de folha de palmeira esfiapada. As mu- lheres, com os seios trêmulos e nus, mas- cando o compasso ao andar pelo dos homens. Umas, as mais novas, semi- nus, mostram os seios duros e pujan- tes; outras, as que já aleitaram filhos, es- condem-os com as mãos que se cruzam sobre o peito. Raras trazem *cabaías* a vestir-lhes o tronco. Mas todas as mu- lheres e quasi todos os homens usam *lipas* que cobrem os corpos da cintura aos pés. Entretanto, os *firracos* (1) ap- parecem nus, apenas com um estreito pano a esconder-lhes o sexo. As crianças, os *lábareaques*, de barrigas descomunalmente salientes, nus também, saltitam afrás e no meio das filas, medrosos e barulhentos. Atravessam os povoados, as hortas, as plantações e as ribeiras; desviam-se para as bérmas das estradas, quando ouvem o buzinar dos automóveis; estendem as mãos juntas e apertadas uma na outra em direcção ao europeu que passa, sai- dando-o:

— Bom dia, ita hote!...

— Bom dia, senhor!...

E andam sempre, sempre silenciosos, sempre a direito.

Depois chegam ao bazar. É cedo ainda. E sentam-se nos calcanhares, á espera que o comandante do pósto ou o admi- nistrador da circunscrição dê o signal de abertura do mercado. E quando o signal resoa no toque de tambor dos *moradô- res* (2), um alarido alegre ergue-se da multidão.

Nas sédes dos comandos, os bazares tem edificios, alguns monumentais. Nos postos, realizam-se á volta dum ingon- doeiro ou junto a um mastro em que fluctua a bandeira nacional, hasteda em dias de mercado. Mas, quer seja á som- bra dos telhados de zinco — quer sob a incidência dum sol forte e agressivo, os bazares constituem a manifestação mais

COSTUMES DA VIDA INDIGENA

Os bazares de Timor

os pés descalços, num amalgama cosmo- polita e simpático.

E tudo se revolve na tarefa do negocio. Só o europeu não compra, nem vende. Não o leva ali uma finalidade de inter- esse comercial, mas somente uma imposi- ção de ordem sentimental. Vai vêr as *nonas* que já existam e as probabilidades de *nonas* que, porventura, apareçam. Por isso, não olha os gêneros agrícolas e pecu- uários ou os artefactos expostos. Procura, apenas, as mulheres.

Vestidas de cores berrantes, vaidosas, provocadoras, lançando em redor olhares ardentes, passam as *nonas* que já tem *senhor*, mas para as quais são doces as galanterias dos outros *senhores* e agrada- veis as infidelidades. Sobre os corpos, reluzem-lhes as sédas e brilham as joias. Meneiam-se, olham, sorriem. Nos pen- teados, de longas tranças de cabelos pre- tos ou já cortados á «garçone», con- juntos de ornamentos de ouro e prata lembram diademas e faiscam aos raios do Sol. Com gestos quasi distintos fumam cigarros. E, ao andar, deixam evoluar-se um odor penetrante de água de Colônia e loção de violetas, enquanto o suor hu- medece o pó de arroz das faces.

Olhando mais insistentemente e rin- do-se mais provocantes, passam as *nonas* que desejam *malai* (5), porque foram abandonadas pelos que tinham. Apresen- tam-se, muitas vezes, com atitudes lascivas e ternas, perseguindo alguém de quem gostam ou alguém que já as tivesse olhado demoradamente.

Escondidas, temerosas e ansiosas ao mesmo tempo, ao lado das vendedeiras, estão aquelas que os progenitores julgam dignas dum *barlaque* (6) com um euro- peu, com um indiano ou com um chinês. Ainda não trazem sédas e joias. Mas o pai vai fazendo preços e um dia aparecerá um *malai* que faça com que não re- gressem á cabana da montanha, pagando bem a virgindade que se evolva, aos doze e treze anos, e as suas companhias du- rante muito tempo, concedendo-lhes, jun- tamente, um prestígio porque anseiam.

Elas passam... São elas, e só elas, que levam o euro- peu aos bazares!

Ao centro do bazar há uma fonte, onde se vão desdentar as bocas rese- quidas pela massa. Ao lado, as tendas e os estabelecimentos dos chinas e dos árabes, onde os indígenas vão trocar por panos e bugiungas o dinheiro ga- nho nas vendas, comprar as garrafas de

álcool, os pacotes de cigarros, os florins e as patacas de prata mexicana para fa- zerem os adôrnos.

E por toda a parte, sob os telhados de zinco ou ao ar livre, o mercado pro- longa-se até altas horas da tarde, sempre cheio de alarido enquanto o sol não aperta muito, sonolento depois. Aqui, ex- põem-se as frutas saborosas, os ananazes, as bananas, as ameixas, as anonas, as papaias, às vezes uvas e morangos, péc- cos e melancias... Ali, as hortaliças, verdes, encarnadas, amarelas, roxas, tecem arco-iris no chão, ou sobressai o branco dos ovos, cacarejam as galinhas e pipiam os pássaros. Além, o café Libéria e o café arábico espream pelas aberturas dos sacos, amontoam-se as cebolas e as ba- tatas. Mais além, há cabritos e carneiros, porcos, veados e corças assustadas, com os olhos muito meigos e muito abertos, cavalos a retoucar a relva e búfalos estirados na terra húmida. De- pois aparecem os trabalhos indígenas em cizal e vérga, os céstos de inúmeros feiti- os e tamanhos, simples ou complicados na sua textura, as bolsas de ráfia para o tabaco e para o dinheiro; aparecem ren- das e bordados, os *panos timores*, que constituem o trabalho mais típico das indústrias domésticas da Ilha, pulseiras e escarvas, pingentes, argolas para guarda- napos, pentes, caixas, etc., em ouro, prata, tataruga ou ponta de búfalo, com dese- nhos, incrustações e embutidos ingênuos, com feitiços curiosos e simplistas.

E tudo isto se vende e se compra, no meio de gritos e de gargalhadas, en- quanto o europeu sentimental e desejo- so de gosar no ambiente misterioso e sen- sual do Oriente, busca uma mulher...

Os soldados timores e os expedicio- nários de Moçambique, vátuas e landins, concorrem para a construção do am- biente exótico do bazar de Dili.

Os primeiros, pouco robustos; os se- gundos, fortes e corpulentos, estátuas bronzeadas de carne, evidenciando mus- culaturas de Hércules com um eterno sorriso infantil nos lábios grossos. Pas- seiam nas alas do bazar os botões dour- ados e os calções e casacos de caqui amarelo do fardamento, perfilados e quasi solenes.

E, a regular a ordem, de onde a onde, autoritários pela posse dos «casse-letes», os policias indígenas postam-se atentos e imponentes. Parecem indiferentes á carne que se descobre tentadora e pro- vocante, às gargalhadas e aos sorrisos.



A caminho do bazar...

Servem-se do mesmo olhar para as «fa- voritas» e para as que não recebem ga- lanteios de ninguém. Prendem os indíge- nas que se envolvem em questões, o chinês que se exalta e insulta os vende- dores. Aproximam-se dos grupos onde as vozes se elevam mais iradas, determi- nam os lugares a ocupar pelos gêneros em mercado. Entretanto, de quando em quando, transformam-se — e exercem fun- ções de policias de turismo ou de cice- rones de museu. E são os mais lidimos intermediários em transações amorosas e interpretes amáveis e... interessados:

— Ao pôr do Sol!... Obrigado...

Dez horas... Onze horas... Meio dia... O bazar desfaz-se pouco a pouco e enchem-se as lojas dos chinas. Bebem-se sófregamente canecas de aguardente, de alcool de arroz, de *canipa* e *tuaka* (7). Começam a surgir apostas para as lutas de galos e dirigem-se desafios de grupos para grupos de aficionados. E, sobre os balcões, as agulhas dos gramafones vão riscando discos sobre discos. Tocam-se canções javanesas, sentimentalistas, ro- mânticas, em que há ocasos em mares que embalam, virações doces, lamentos de fontes, espirais doces de fumo de sândalo nos templos. Um canto hindú recorda romances nórdicos, estrofes de baladas. Gritantes, sempre iguais, ecôam cânticos chineses, em que se pressentem cenários de balões de papel, de casinhas de papel, de pagodes com telhados cheios de bicos, de *juncos* vogando em rios muito largos, por entre arrozais. E, no meio de tudo isto, um *Columbia* ou um *His master's voice*, aventureiro perdido num mundo longínquo, quasi irreverente, dir-se-ia enlouquecido, traz-nos, até ás cercanias dos bazares, Beethoven e Schubert, Wagner e Sarazate, um tango argentino, uma rumba caboverdeana, can- tares de Coimbra, *paso-dobles* espanhóis ou um *fox-trot* americano e desconexo.

Mas, de repente, a multidão, alucinada, corre para o largo ou para a estrada. Grita, salta, empurra-se num entusiasmo indescritível. Forma um círculo. E o si-

lêncio, a seguir, torna-se pesado. Que- bram-o, agora uma, depois outra, vozes isoladas que falam em búfalos, em *pi- cos* (8) de café, em dinheiro. E dois galos, até então conservados á distância um do outro, encontram-se no meio do círculo. Batem as azas, escarvam o solo, alongam os pescôcos com a penugem eriçada. Depois saltam, embatem-se, espelam nas carnes os esporões e os bicos afiados. Fios de sangue começam a deslizar pelas penas, salpicando o chão de pontos en- carnados. Tombam, voltam a erguer-se, tornam a cair, — enquanto a multidão delira, grita, se contorce, se espoja na terra e bate palmas numa manifestação de entusiasmos demoníaco. E, cada vez mais ferozes, os contendôres, ofegantes, ansiosos de extermínio, ébrios na carni- ficina, vão-se dilacerando, presos um ao outro pelas garras que profundamente se enterraram nas entranhas. Pensar-se-ia que não são dois galos que lutam, mas duas hienas, contempladas por duas centenas de tigres enfurecidos de prazer. Até que um dos galos desfalece e cái em estertor. Então, a multidão há só duas expressões: a dos que ganharam apostas e a dos que perderam. Os primeiros riem, dirigem insultos ao galo vencido, agarram-o, esmactam-o ainda palpitante. Os segundos afastam-se, derrotados...

Termina o bárbaro espectáculo — o único bárbaro costume timor que as au- toridades ainda não puderam proibir, e que, com o pagamento duma licença para a sua realização, constitui uma fonte de receita orçamental.

E o bazar vai terminar também. O sol, triunfal aureolado por um clarão de carmim e ouro, dirige-se vagarosa- mente para o poente, para um mar sereno que, ao fundo, se confunde no azul-des- maiado do firmamento...

... e os indígenas, estáticos e silen- ciosos, em filas indianas, como autómatos, processionalmente, vão a caminho das povoações, sempre a direito, subindo e descendo as encostas esfumadas na pe- numbra do crepúsculo.

Paulo Braga.

(1) *firracos* — montanhês; (2) *moradôres* — indígenas em serviço permanente dos postos; (3) *catias* — velhos; (4) *nonas* — mulheres indí- genas relacionadas com europeus; (5) *malai* — nome dado pelos timores a quem não for nativo; (6) *barlaque* — casamento indígena; (7) *canipa* e *tuaka* — bebidas fermentadas; (8) *pico* — medida de peso, correspondente a 63 kg, aproximadamente.

Luta de galos



Dança indígena

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

CORREIO

Braz Cadunha. — Lisboa. — Continuo a agradecer-lhe, reconhecido, a sua prestante e assídua colaboração.

Sobre o assunto «correio», pode ficar tranqüilo... Se fôsse como supõe, eu nunca teria dado semelhante resposta... Aquilo era apenas comigo...

Ti-Beadó. — Luanda. — Agradeço a remessa das listas da «Prensa do Juízo», que efeito algum podem já ter, bem como a sua colaboração. Deve, por certo, ter já reparado que continuo a utilizar os seus trabalhos, mesmo os que já cá tinha para a outra secção, razão por que espero passará a ser um assíduo colaborador.

Brevemente, disparei tudo de forma a que os colaboradores de Africa possam também concorrer como decifradores.

APURAMENTOS

N.º 6

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

VIDALEGRE

N.º 2

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

AFRICANISTA

N.º 12

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade
12 pontos:

Africanista, Antomar, Lérias, Linda Morena, Márius, Miúdo & Graúdo, Olho de Linco, Pecadora, Pérola Branca, Sinhá Durol, Veiga, Zé Banana, Zica, Zuraya (todas da T. E. L.); Aço, Zé Nabo (da T. E.); Deniz Lima, Cantante & C.^a

QUADRO DE MÉRITO

Verdegaio, Apolo V., — Ignoratus Sum, (T. C. B., — T. E.), Nelito (T. C. B.), Justa (T. C. B.), Viola (T. C. B.), 11. — Ocsav, Ladoeiro, 10

DECIFRAÇÕES

1 — Tormentoso. 2 — Porque. 3 — Venal. 4 — Valer. 5 — Doco. 6 — Meada. 7 — Ferropcias. 8 — Arcano. 9 — Viador. 10 — Bálamo. 11 — Roupa-farpa. 12 — GOTA A GOTA O MAR SE ESGOTA.

CHARADAS

MEFISTOFÉLICAS

1) Daquela perda ficou a ouvir-se o grito forte do coração enfraquecido pela morte de seu pai. (2-2) 3.

Paços de Brandão Justa (T. C. B.)

2) O teatro tem uma parte cedida à grande multidão de curiosos. (2-2) 3.

Pôrto Miraluz

3) O «Castro» é uma pessoa gorda e atarracada, embora ele o «disfarce». (2-2) 3.

Lisboa Reinadio (S. C. L. e T. E.)

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 10

4) *Sobre* o cume agudo do monte, descobri um poema heróico. (2-2) 3.

Luanda

Ti-Beadó

NOVÍSSIMAS

5) A minha vontade é amar-te... terás tu igual desejo? 2-1.

Lisboa

Fernambelo

6) Só não dissipa o remorso, quem foi um perdulário. 2-1.

Ponta Delgada

Jobema (...)

7) Torce bem, disse o homem ao neto, essa porção de flozinhos. 2-2

Lisboa

Lérias (T. E.)

(Ao Olho de Linco)

8) Veja se estabelece acordo entre os sócios da T. E. L., porque senão, palpito que terá de convocar uma assembléia secreta... 4-2.

Lisboa

Reinadio (S. C. L. e T. E.)

(A Vidalegre e Albrito)

9) A desgraça a ninguém é humilhante quando ela não tem origem no crime. 1-1.

Lisboa

Valério (S. C. L.)

10) Quem tiver sorte e juízo leva vida regrada. 2-2.

Lisboa

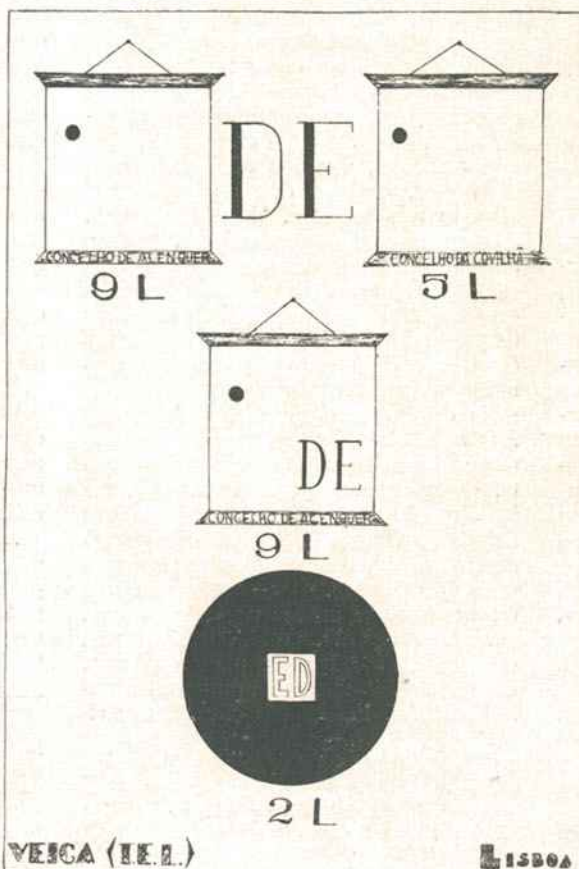
Vidalegre

11) Tem certo *realce* quando no «fundo» do vale fica recubito e sossegado. 1-2.

Paços de Brandão

Viola (T. C. B.)

23) ENIGMA FIGURADO



(Ao ilustre Director)

12) Não sei se sabe, caro Director, que o *avestruz* pertence a uma *casta*, da qual se desconhece a *origem*? 2-2.

Lisboa

Xicantunes

SINCOPADAS

13) *Cuidado!* impede a passagem desse veículo que se torna suspeito. 3-2.

Lisboa

Africanista (T. E. L.)

(Aos amigos «Vidalegre», «Valério» e «Tasso»)

14) *Pessoa corcovada* nota tudo quanto vê. 3-2.

Lisboa

Doridóflies (T. E. e S. C. L.)

15) A *gente vil* não agrada à justiça. 3-2.

Lisboa

Lérias (T. E.)

16) *Adiante da multidão* vinha um homem corajoso. 3-2.

Paços de Brandão

Nelito (T. C. B.)

17) O *deseñbarço* daquele homem dá-lhe muita *aptidão*. 3-2.

Paços de Brandão

Ocsav (T. C. B.)

18) ... e as *ondas grandes* arrastaram para a praia algumas *clavas*. 3-2.

Lisboa

Sacerista (T. E.)

19) Ser *anão* é a mesma coisa que ser *rapaz baixo*. 3-2.

Lisboa

Veiga (T. E. L.)

EM VERSO

20) Setenta anos já conta, e se tenta Da velhice ocultar o indício, Vem da ruga a verdade cruenta Pôr a nu seu grosseiro artifício.

Poetrasto... lá faz seu versinho...

Tange a lira e delira «babado» — 1

Se em leitura os impinge ao vizinho

E este o gaba a fingir-se encantado. — 1

Gentil dama, qual leve gazela, Mostra, a andar, um palminho de perna? Velho esteta lá vai atrás dela.

Já não pode — forçado abstémio —

Pela idade, «beber na taberna?

Folga nela... e revive o «boémio»...

Lisboa

Braz Cadunha

(Aos confrades Vidalegre, Lérias e Doridóflies)

21) Velho, muito velho, pobre do velhinho,

Alvos seus cabelos, brancos como o linho, — 1

De bordão na mão, caminha lentamente, De olhos no chão, a contar constantemente, — 1

Sempre tremulente as pedras do caminhinho.

Pensativo e triste, o passo vacilante, Lembrando talvez «a» época distante, A mocidade risonha inebriante, Em que albergou em seu pobre coração Um pouco d'alegria, um fio de ilusão.

Lisboa

Valério (S. C. L.)

22) *Muito* radiante fiquei — 1

Ao ler a tua cartinha,

Pois eu nela observei

Que não és de outro: és só minha.

Eu amar-te como um louco

E a expressão da verdade, — 2

E como se fôsse pouco,

Tenho-te muita amizade.

Adoras-me. Tenho sorte,

Pois o destino assim o quis;

Amar-nos até à morte,

Oh! Como eu sou feliz.

Lisboa

Veiga (T. E. L.)

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

PELO MUNDO FÓRA

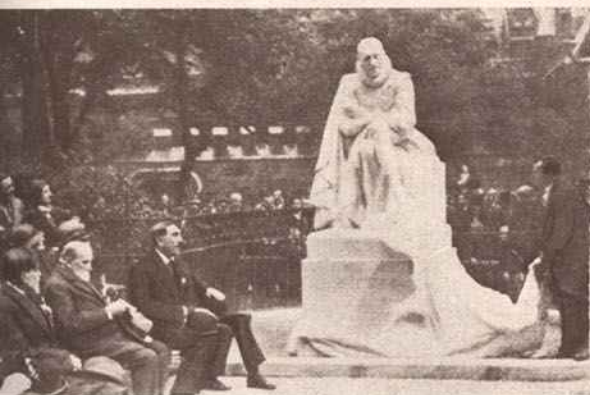


A França e a guerra



Não há canto da França onde não haja um monumento consagrado aos mortos da grande guerra. Os franceses, dessa maneira, dedicam aos que se bateram pela Pátria, uma saudade, um marco que ficará gravando a sua memória. Os antigos combatentes de artilharia, recentemente, ergueram um monumento aos seus camaradas que tombaram no campo da honra. Foi inaugurado, com todas as honras militares num local conhecido pelo Moulin de Laffaux, perto de Soissons.

Uma estátua de Montaigne



Em frente da Sorbonne, em Paris, foi inaugurada uma estátua de Montaigne, o célebre autor dos «Ensaíes». Assistiram os membros da direcção da Associação dos Amigos de Montaigne — cuja presidência está entregue a Barthou, actualmente ministro dos Estrangeiros — e quasi todo o corpo docente da Sorbonne. Falaram, em nome da cidade, o sr. Fiquet, presidente do Conselho Municipal e em nome da Sorbonne, o catedrático Charlety, reitor da Universidade.

O Parlamento italiano

Foi inaugurada solenemente em Roma a XXIX legislatura italiana. Ao centro da gravura vê-se o rei Victor Manuel. À direita senta-se o príncipe herdeiro e à sua volta, dum lado e doutro, vários membros da família real. Mussolini — à direita — envergando o novo uniforme fascista, lê o decreto que declara aberto o novo Parlamento. Nas bancadas estão os ministros, os senadores e os deputados, de uniforme fascista. Na tribuna central, ao alto, a rainha tem à direita a princesa Maria José. Na galeria da esquerda está o corpo diplomático.

O nazismo



Em abril de 1933 fez-se em toda a Alemanha o «boycottage» aos estabelecimentos judeus. Este ano, quando do aniversário daquele acontecimento que tanta repercussão teve, fez-se a propaganda nas ruas, nas montras e nas fachadas dos prédios a favor dos comerciantes «puramente alemães». Principalmente em Nuremberg apareceram cartazes pelas lojas que diziam: «Diz-me onde compras e dir-te-ei quem és» e «Cada despesa que fazes numa loja não alemã é como uma pedra que atiras contra a Alemanha».

O automobilismo

Novo modelo de automóvel, exposto ultimamente em Paris, em que a estética se encontra subordinada aos princípios aerodinâmicos. As linhas deste carro foram estudadas de molde a oferecer a menor resistência possível ao ar, o que permite aumentar consideravelmente a velocidade do veículo.

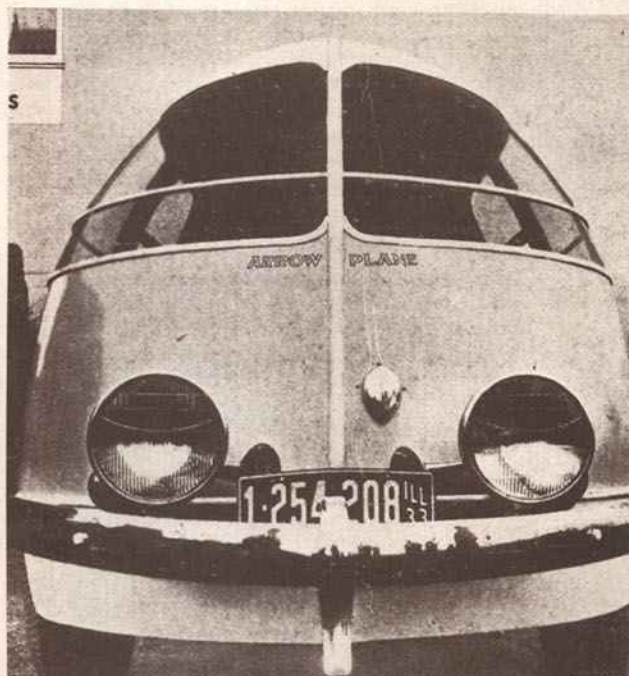


A viagem de Barthou

O ministro dos Negócios Estrangeiros francês, sr. Barthou, visitou oficialmente, a Polónia e a Checo Eslováquia, dois novos países, nascidos depois da grande guerra. Na gravura vê-se o sr. Barthou quando da visita ao Presidente da República Polaca. Da esquerda para a direita: os srs. Bleck, ministro dos estrangeiros polaco; Laroche, embaixador da França na Polónia; o presidente Moscicki e Barthou.

O novo governo espanhol

A queda de Lerroux, provocada pelo decreto de amnistia, levou ao poder em Espanha, o sr. Ricardo Samper, ministro da Indústria do mesmo governo. O ministério, que ficou constituído quasi da mesma maneira, com exclusão de duas pastas, têm também carácter direitista.





A mulher tem atualmente tendência para se standardisar, como dizem os ingleses e os americanos. Há mulheres de séries. Todas têm a mesma ondulação, as mesmas pestanas com "rimeli", e voltadas, a estrela de cinema, e, sobretudo o mesmo desenho de boca. Nada é mais prejudicial à beleza feminina do que esta insípida banalidade. A natureza melhor do que nós sabe o que faz. Se uma boca é grande é porque se harmoniza com o resto da fisionomia e que se fosse pequena não ficaria talvez bem com o conjunto do rosto e que esse rosto perderia muito da sua harmonia. Mas a mulher não quer saber dessas coisas e em lhe dizendo que uma coisa é moda, usa-a sem se preocupar se lhe fica bem ou mal. Está à moda é o bastante. E em geral é até de mais. Kim vez de se alindar desfeou-se. Ver uma mulher com a cara ao natural é hoje uma coisa raríssima e as próprias raparigas de dezoito anos já usam da "maquillage", com a maior sem-cerimonia e digamos, até com simplicidade. Não é um misterio, até se faz em publico e é este um habito que têm tirado muito, à mulher, do seu misterioso encanto. Como todas as senhoras se pintam, quem aparece hoje com a sua cara ao natural dá nas vistas e não tem interesse. Mas entre o exagero e a abstenção há um meio termo que se aproxima da naturalidade, que anima e embeleza sem tornar inhumana a fisionomia. Uma senhora palida é natural que ponha um pouco de "rouge", nas faces, que lhe dê um aspeto mais saudavel e lhe anime os olhos. Um pouco de "baton", nos labios, bem escolhido e bem aplicado é sem duvida um aperfeiçoamento, que torna mais bonita a boca, que faz realçar uma branca dentadura e que sem duvida faz com que a mulher se torne mais atraente. Mas é sobretudo com a boca que é preciso o maior cuidado. Vejo ás vezes na rua, bocas duma cor em completo antagonismo, com a cor da pele, com o todo

da mulher que assim a leva desenhada na cara, como uma chaga. A culpa não é da mulher, é do seu jornal de modas, que assim a aconselha, porque, agora tudo se faz por conselhos, já nada é como é, é como se faz. Se a boca é grande despreza-se o desenho dos labios e pinta-se apenas o centro, se os labios são grossos apenas se cobre com o "baton", uma parte, se os labios são finos, desenha-se na pele uma boca fantasia, com os labios em pronunciados bicos, que muitas vezes dão o efeito duns bigodes vermelhos. E o que é mais estranho é que em geral não houve a mais pequena escolha na cor que deve aviar uns labios de morena ou duma branca cutis, de rosas e leite. Esta indiferença tem em geral um efeito desastroso. E a beleza que se quer aumentar é destruida. Eu gostava de ver as mulheres de hoje, que têm para tanta outra coisa um desenvolvimento de inteligência, que antigamente não havia, terem uma compreensão mais clara do que as torna belas e daquilo que as desfigura. Gostaria de as ver arranjar com o maior cuidado, pois que, o alindar-se é um dever da mulher, é uma obrigação. Mas alindar-se em harmonia com a verdadeira beleza, com a natural. Aviva-la com uns ligeiros retoques e não desfigurar-se nivelando-se pelo aspeito da cara, com qualquer mulher do Montmartre noturno.

A senhora deve ser sempre senhora, na sua maneira de se conduzir, de se apresentar, de se vestir e de se "maquiller". Essa é que é a verdadeira arte, aquela que interessa, que encanta e prende. Essa é a arte de ser bela, que toda a mulher deve estudar conscienciosamente e tratar de pôr em pratica. Mas bela segundo o natural encanto de que devemos sempre aproximar-nos, o mais possivel.

Maria de Eça.

A moda

DECIDIDAMENTE a moda este ano tem tendência para os tecidos vistosos e para as sedas que armam. Os xadrezos, os quadridos, os tecidos «imprimés» em largos desenhos, terão o favor das elegantes na estação de verão. Para que as nossas leitoras façam uma ideia do que se vai usar, damos alguns modelos de alta elegância para a noite. Maggy Rouff, apresentou uma linda «toilette» em «moiré imprimé», que é uma verdadeira visão de arte, com a sua decoração de flores dum grande efeito, o laço nipónico é duma elegantíssima novidade. O pentecado e a sua guarnição apresentam também uma forma muito nova. Outro vestido muito interessante em «taffetà souple» é o que Lucile Paray nos apresenta com o seu desenho em quadros pretos e brancos. Desenho este que foi muito usado para vestidos «tailleur» e de rua, mas que nunca teve successo para vestidos de cerimónia ou de noite.

Molyneux, dá-nos um vestido em «taffetà» duro e barulhento o que volta de novo a ser moda, e vai substituir os «crêpes» moles que se adaptavam ao corpo. Este é em xadrez vermelho, verde e amarelo sobre fundo branco. Como alafio uma «jaquette» em «taffetà» preto. Nos pentecados acentua-se a revolução e tendência para os cabelos compridos. Para a noite triunfam as tranças em geral postizas, até os cabelos conseguirem o comprimento desejado. A condessa de Saint-Quartin, uma das mais requintadas elegantes de Paris, teve um verdadeiro successo numa festa em que se apresentou com o novo pentecado, duma elegância clássica. Este pentecado consiste numa trança pousada com arte e alargando no alto da cabeça. É uma novidade que favorecerá muito algumas senho-

PÁGINAS A MULHER

ras e sobretudo as cabeleiras com arte de «posticheurs» numa arte que se lá perdendo com a moda dos cabelos cortados.

Os insectos

RECENTEMENTE o governo inglês criou uma estranha repartição geológica para os insectos. E as empregadas ali passam o seu tempo tratando milhares de insectos especialmente aqueles que vivem destruindo outros insectos nocivos à agricultura.

Uma experiência igual está-se fazendo na California, onde todas as várias espécies da família das vespas, foram o objecto das maiores atenções, porque algumas representam o terror, para outros insectos, dez vezes maiores. A chamada «digger wasp», vespa cavadora, pode considerar-se como o tigre dos animais inferiores,

porque onde ela se encontra representa a destruição dos insectos nocivos. Os beneficios que traz à agricultura este intelligente animalzinho, que guerreia com verdadeira arte os inimigos das sementeiras, são imensos, porque a sua maior actividade reduz-se à destruição dos insectos que devastam a produção dos campos. Actualmente a vespa cavadora é estudada com a maior atenção para serem conhecidos todos os seus habitos e instintos. Uma quantidade de cêrca de mil ovos, foi há pouco enviada pela via aérea a vários centros agricolas da Federação norte-americana para serem utilizados. É um estudo interessante a que se deviam dedicar as senhoras portuguesas, que vivem nas suas casas da provincia e que se interessam pela agricultura. É um trabalho muito compatível com a mulher.



A elegância masculina

Nos primeiros anos do século XVIII a maneira de vestir dos jovens patricios venezianos era tão exagerada, que pareciam mais efeminados que as próprias mulheres. Soror Arcangela Tarabotti, a extraordinária freira na sua «Anti-sátira» mais do que às damas, fez alvo dos seus sarcasmos, a vaidade dos homens, todos cobertos de veludos, damascos, camisas de linho finissimo com rendas da Flandres, todos recamados de bordados de ouro e prata e galões. Anéis, e meias de seda, sapatos apertados que lhes torturavam os pés e adornados de desmesuradas fivelas, suspensórios bordados. Ao guarda roupa dum patricio veneziano estava adido o mais antigo servidor da casa que era o guarda, o conselheiro, que seguia a moda segundo as estações e, dispunha os trajos segundo as circunstâncias. A toga era sempre mesmo fora do conselho obrigatória para os nobres, mas quasi todos preferiam mostrar sob a negra toga, trajos de sedas de cores e com o tempo, todos exceptuando apenas algum velho conservador, introduziam o uso, apenas saiam do conselho do Palácio Ducal, de depor a toga nos quartos que alugavam sob as arcadas da Procuradoria. E sem a longa e severa veste, eram livres e atravavam pelo ar com a seriedade patricia e apareciam elegantes, um pouco affectados, com a casaca e o colete de bordado, as meias de seda branca os sapatinhos com fivelas de ouro e prata e pedras preciosas, o tricôrio de feltro sobre o peito e no joelho e nos pulsoes, as mais belas rendas de Burano.

Os provedores e o Senado publicaram decretos sobre decretos, proibindo excessos, mas os ricos patricios gastavam e espalhavam os patrimónios com as modas. Com o luxo, com o jogo e com as festas acabava a riqueza, vinha a pobreza e empanava-se o brilho de Veneza a bela.

A guitarra

A guitarra teve a sua maior voga nos fins do século xiii e nos princípios do século xiv. Ela foi usada por numerosos trovadores espanhóis, que a empregavam como instrumento de acompanhamento ao canto. Depois foi adoptada para acompanhar as danças espanholas e as serenatas venezianas e napolitanas as quais se adaptava pela sonoridade do seu ritmo. Muitas vezes mãos inexperientes dão-lhe desigualdades de bandolim, que acabam por atacar o sistema nervoso. Há um espanhol André de Segóvia chamado o «rei da guitarra» que empreendeu a sua reabilitação. Nas suas mãos a guitarra parece um órgão. Quem ouviu este homem que corre o mundo, diz que a sua guitarra tem acentos inesperados que dão bem o colorido lírico, o seu sol o ritmo línguido das suas danças, a nostalgia dos seus «boleros» e o murmúrio de fontes, que gotejam em bacias de mármore. Naturalmente tocavam assim os trovadores diante das janelas das suas helas, alguma castela solitária, que acordava os céus do seu torréio feudal, fazendo vibrar com a sua branca mão as cordas do suggestivo instrumento.

Também o violoncello, que dá a voz humana, teve um período de abandono, e, um grande artista de valor deu-lhe novamente a sua popularidade. Não é improvável que a guitarra tenha de novo voga mundial. Entre nós a guitarra é um instrumento muito apreciado e muito popular, e, podemos dizer que temos dos melhores guitarristas do mundo. E nada há mais belo do que, numa noite de luar ouvir ao longe uma guitarra gemendo um fado bem tocado. Quem é que em Portugal não estremeceu ao ouvir os



sons da guitarra? Ela é pode-se dizer-se o nosso instrumento nacional e quer nos sons plangentes do fado, ou na alegre música do vira e do estaladinho toda a alma lusitana tem vibrado e as inesquecíveis guitarradas de Coimbra são para quem as ouviu uma recordação para toda a vida. A guitarra é o instrumento que melhor fala à alma do nosso povo.

Receitas de cozinha

Linguas grelhadas à Saint-Germain: Para seis pessoas, seis bons linguados, os chamados de posta: 1.^o — cortam-se em quartos cinco ou seis batatas, em forma de azeitona, temperam-se com sal e pimenta e coram-se em manteiga, numa frigideira, voltando-se de vez em quando; 2.^o — preparam-se dois decilítrios e meio de molho de «mayonnaise», feito com gema de ovo, pimenta, sal e um pouco de vinagre, desmanchando o ovo muito bem. Sobre esta mistura deixa-se cair bom azeite em fio delgado, batendo sempre com um garfo, para se incorporar o ovo com o azeite, e quando tomar consistência gelatinosa, juntando-se-lhe salsa, finamente picada; 3.^o — partem-se obliquamente as cabeças dos linguados, esvaziam-se, tiram-se-lhes a pele preta, raspa-se a branca e tiram-se as barbatanas em toda a volta. Temperam-se com sal e pimenta, cobrem-se com manteiga derretida e levam-se a grelhar em lume moderado, voltando-os duas ou três vezes. Colocam-se numa travessa previamente aquecida; guarnecem-se com as batatas fritas e servem-se com o molho de «mayonnaise» à parte. É um prato finissimo e esplêndido.

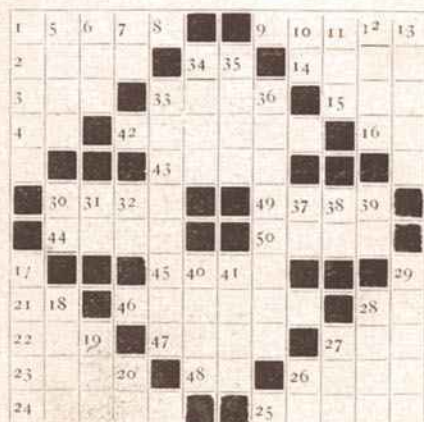
Pensamentos

A razão do mais forte é sempre a melhor.

Os dias dados a Deus nunca são perdidos.

A Providência sabe melhor do que nós o que nos é necessário.

Palavras cruzadas



Horizontais:

1. substância. — 2. apelido. — 3. pronome indefinido. — 4. artigo. — 9. fisionomias. — 14. arreio de cavalcadura. — 15. ente. — 16. contracção de preposição e artigo. — 21. mistura de oxigénio e azoto. — 22. solitários. — 23. verbo que significa repasto. — 24. praia. — 25. pedaços de forma alongada. — 26. ruído patológico da auscultação pulmonar. — 27. substância doce. — 28. segmento de membro. — 30. numeral cardinal. — 33. produto do leite. — 34. adverbio de lugar. — 42. terra espanhola que dá o nome a um vinho. — 43. ave doméstica. — 44. rei de Israel. — 45. 3.ª pessoa do plural do pretérito imperfeito dum verbo da 2.ª conjugação. — 46. leves manchas, vestígios, traços. — 47. Composições poéticas. — 48. 2.ª pessoa singular do presente de indicativo dum verbo da 2.ª conjugação. — 49. móvel que serve para repousar. — 50. sorte, acaso.

Verticais:

1. florestas. — 5. fileiras. — 6. produto da combinação dum ácido com uma base. — 7. isolado. — 8. artigo. — 10. artigo. — 11. animal de matadouro. — 12. rua de jardim. — 13. melhorou. — 17. taberna. — 18. verbo da 2.ª conjugação. — 19. vai para fora. — 20. batraquão. — 26. ele acha graça. — 27. oceano. — 28. bola. — 29. aposentos monásticos. — 30. artigo. — 31. 1.ª pessoa do singular do pretérito imperfeito dum verbo da 3.ª conjugação. — 32. pronome pessoal. — 33. nome dum general célebre. — 34. tubo conductor de água. — 35. amarrar. — 36. aceros. — 37. carta de jogar. — 38. maldosa. — 39. mistura gasosa. — 40. imperativo do plural dum verbo da 3.ª conjugação. — 41. animais.

Frases dum rei

Henrique IV, rei de França, testemunhava a Catharina de Rohan, depois duquesa de Deux-Ponts, a inclinação que sentia por ela. «Sou muito pobre para ser possua mulher», respondeu-lhe a princesa, e de muito boa casa para ser vossa amante».

Antonieta de Pons, marquesa de Quereheville, inspirou pela sua honesta resistência, a estima deste mesmo soberano que lhe disse: «Uma vez que vós sois dama de honra, vós o sereis também da Rainha minha mulher».

O espírito inglês



Ranariga moderna, para o egiptólogo eminente: — Diga-me uma coisa, sr. professor, que espécie de combinação hei-de usar quando for ve-tida de Cleopatra ao baite de máscaras?

(De «London Opinion»)



Bridge

Espadas — 5.
Copas — V., 9, 7.
Ouros — A., 8, 3.
Paus — — — —

Espadas — — — — N Espadas — 8, 7, 4.
Copas — A., 10, 8, 3, 2.
Ouros — 6. O E Copas — R.
Paus — V., 6. S Ouros — 2.
Espadas — 9, 6. Paus — — — —
Copas — D., 5, 4.
Ouros — 7.
Paus — 10.

Trunfo é copas. S é mão. N e S devem fazer quatro vasas.

(Solução do número anterior)

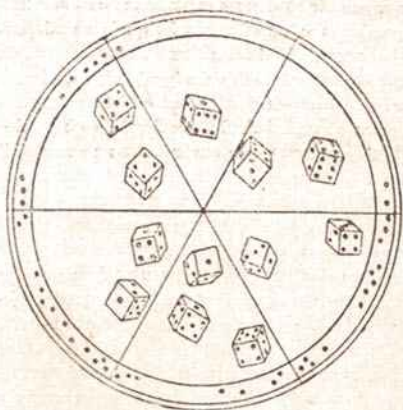
S joga espadas e O corta, jogando N a dama de espadas. O joga o rei de paus, S joga e joga a valéte de ouros.

Se O cobrir, N corta; mas se O deitar uma carta pequena de ouros, N balda-se a paus. N joga o três de espadas para dar a mão a S; E balda-se ao oito de paus e O ao cinco de ouros. S joga o valéte de paus; O cobre e deve dar duas vasas de paus a N ou duas de ouros a S.

Se O não cobrir o valéte de ouros, S joga o nove de ouros; N corta e joga espadas e S faz a sua vasa de espadas e o rei de ouros.

Os doze dados

(Solução)



Aqui está o círculo dividido nas seis partes que se pedia. A diferença entre a soma dos pontos visíveis e a dos invisíveis em cada uma dessas partes é igual ao número de pontos compreendidos na correspondente secção dos círculos da figura.

Cada qual diverte-se...

Um dos divertimentos, ordinários e favoritos, de Mouley Ismael, rei de Marrocos, era, num mesmo tempo, — imagine-se! — montar a cavalo, brandir o sabre, e cortar a cabeça do escravo que lhe segurava a estribeira!

O espírito francês



No barbeiro:
— Parece-me que já fiz a barba ao senhor aqui há tempos...
— Deve estar enganado. As cicatrizes que tenho na cara foram dum desastre de automóvel...

Fonte do Sol

A célebre Fonte do Sol, que existe próximo do Templo de Amon, no Oasis de Synoah, na Libia, era considerada pelos povos antigos como sagrada, porque gozava, segundo Herodoto, da singular propriedade de deitar água morna ao romper do dia, fresca à hora do mercado, muito fresca ao meio dia, tornando-se depois cada vez menos fria até à noite, em que aparecia morna. Os viajantes modernos confirmam estas características, que devem explicar-se, talvez pela variação da temperatura da água, que deve provir de camadas de temperatura constante.

Enigma místico numa torre

Em Champéry, pequena povoação da Suíça, existe uma igreja, construída em 1726 no lugar dantes ocupado por uma antiga capela.

Na sua torre, vê-se uma imagem dourada do santo da sua invocação, e um bonito relógio antigo com a seguinte inscrição criptográfica, a qual têm intrigado muitos viajantes:

*Quod an tris mulce pa guis li dine viti
Hoc san Chris dulce la*

Unindo as sílabas de baixo e as de cima com as do centro, lê-se:

*Quod anguis tristi mulcedine pavit
Hoc sanguis Christi dulcedine lavit*

o que traduzido livremente, significa:

Ao que a serpente com feitiço perverso molhou, o sangue de Cristo com doceira lavou.

Ouvidos de mercador...

Uma dama da alta aristocracia falava de negócios a Colbert que se conservava silencioso: «Senhor, disse-lhe ela, faréi ao menos algum sinal pelo qual eu veja que me ouvis».

Macacos...

Nalgumas regiões da Índia, os macacos são considerados animais sagrados que se não devem matar; por este motivo reproduzem-se em tal quantidade e andam tão confiantemente que, se tornam autênticas pragas. Acontece isto por exemplo em Delhi onde a Câmara Municipal foi forçada a tomar providências que se reduziram em capturá-los e mandá-los soltar a grandes distâncias. As medidas, porém, não deram resultado porque os macacos regressam novamente a Delhi, não atinando as autoridades com forma eficaz de se desfazerem dos macacos, sem os matar.

LIVROS

DA

Biblioteca de Instrução Profissional

PARA AS

ESCOLAS INDUSTRIAIS

Algebra Elementar, 1 vol. enc.	13\$00
Aritmética Prática, 1 vol. enc.	13\$00
Desenho Linear Geométrico, 1 vol. enc.	12\$00
Elementos de Química, 1 vol. enc.	15\$00
Elementos de Mecânica, 1 vol. enc.	12\$00
Elementos de História de Arte, 1 vol. enc.	25\$00
Física Elementar, 1 vol. enc.	15\$00
Geometria Plana e no Espaço, 1 vol. enc.	15\$00
O livro de Português, 1 vol. enc.	12\$00



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

CARTAS

DE

ALEXANDRE HERCULANO

2 vol. de 594 págs., broc. 20\$00

Encadernado 30\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA**À venda a 4.ª edição****TERRAS DO DEMO**

ROMANCE

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 332 págs., brochado 12\$00

Encadernado 17\$00

À venda em todas as livrariasPedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



**Feliz
e sem dôres
graças á**

Cafiaspirina

**SAMUEL MAIA**

Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES**O MEU MENINO**Como o hei-de gerar,
criar e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,

encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à **S. E. PORTUGAL-BRASIL**

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR
VOCABULÁRIO
DE
TERMOS TÉCNICOS
EM

Português, francês e inglês
COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL
1 vol. de 557 pags., encadernado
30\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75
LISBOA

Grande sucesso literário

3.ª EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

Prémio Ricardo Malheiro
Conferido pela Academia das Ciências de Lisboa

1 vol. de 268 pags., brochado **10\$00**
encadernado **15\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

O MESTRE POPULAR
ou
O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura,
ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em todas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 pags.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 pags.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 pags.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 pags.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 pags.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 pags. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 pags. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, R. Garrett, 75 - LISBOA

A' venda a 3.ª edição

A BATALHA SEM FIM

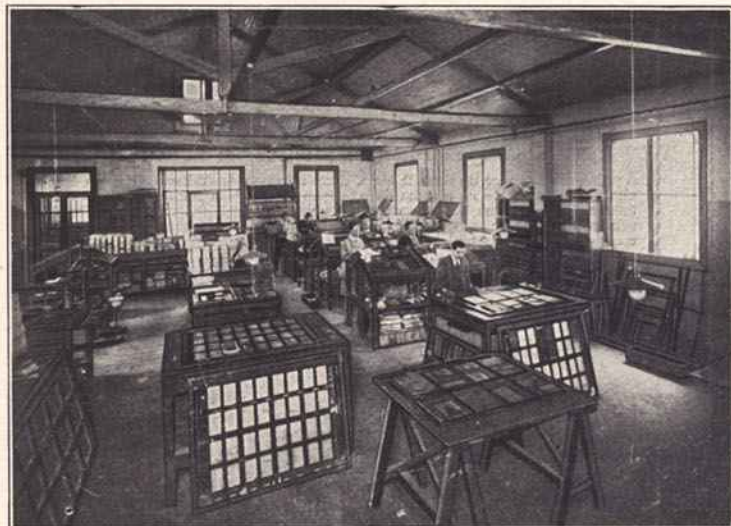
ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 308 páginas, brochado **12\$00**
Encadernado **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA



Oficina de composição

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

Telefone: 2 0739

RUA DA ALEGRIA, 30
LISBOA

As mais modernas instalações do paiz e aquelas que maior capacidade de produção possuem



Secção especial de publicações ultra-rápidas

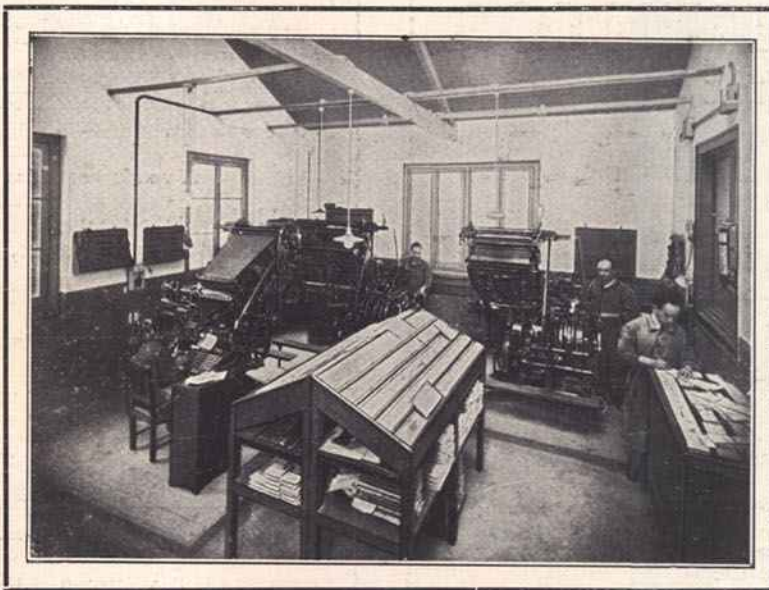


TRABALHOS
COMERCIAIS

LIVROS, RELATÓRIOS, ETC.

INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO

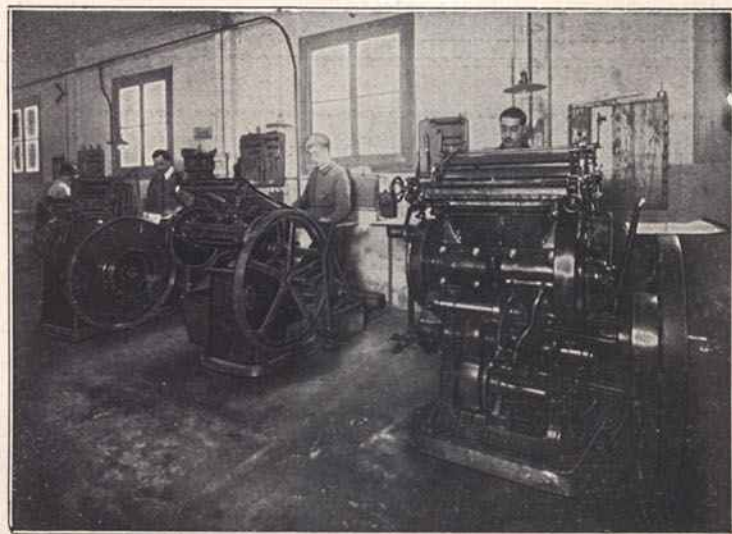
ORÇAMENTOS GRATIS



Oficina de composição mecânica

É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,
Almanaque
Bertrand
e
História
da
Literatura



Oficina de impressão

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

 1 volume de 284 páginas { brochado 10\$00
 encadernado 15\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Acaba de sair a 3.^a edição de

ACABAMENTOS DAS CONSTRUÇÕES

DA

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

Trabalhos de coberturas (telhados, etc.),
estufes, decorações e ornatos, tintas,
pinturas, fingimentos, douraduras, colo-
cações de azulejos, ladrilhos, lambris,
pavimentos e mais trabalhos concernen-
tes ao acabamento de um edificio.

 1 vol. encader. em percalina com 355 páginas
e 169 gravuras no texto **Esc. 17\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

TRADUÇÃO DE

Dr.^a Sára Benoliel e Dr. Edmundo Ádler
 Com um prefácio do Dr. L. Castro Freire
e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca

Um formosíssimo vol. ilustrado. 6\$00

Depositária LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2.^a edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. . . 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no dese-
nho dos caracteres e na marcha da paisagem beirôa dada por largos valores, es-
tuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do
neuriatra Tanzi) de cujo corpo parece exalar-se um fluido que atrai, perturba
e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os es-
criptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12\$00; br. . . 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um
dos mais belos e da mais perfeita unidade. — Elcoy (Diário de Notícias).

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples
capitulo. — Diário de Lisboa.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. —
Hemet. Arantes.

Lingua de Prata — 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma
afirmação latejante de vida. — Julio Dantas.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás
nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — Augusto
Lacerda.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja
leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo pra-
zer espiritual em troca. — Campos Lima.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação,
ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem
convenções patetas. — Albino Forjaz de Sampaio.

Por terras estranhas — 1 vol. br. 4\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Historia da origem e estabeleci- mento da Inquisição em Portugal

POR ALEXANDRE HERCULANO

3 volumes 1.189 paginas

Brochados. 30\$00

Encadernados 45\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encad. com 351 págs. 25\$00

Depositária LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

Saiu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitui um número de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
" " " " carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS

DE

JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	8\$00
br.	15\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	10\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	9\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	10\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	12\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	10\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	8\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	1\$50
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	8\$00
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	12\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	10\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	8\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	9\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	6\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	8\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	10\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	2\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	1\$50
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

OU À **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA



Dormir

Um sono calmo e reparador é o principal factor para a beleza e a saúde.

Nessas horas de repouso, os olhos recuperam o brilho e o corpo fatigado recupera a força.

Os nervos exaustos são acalmados e restaurados e novas energias são creadas, para o trabalho do dia seguinte

O sono torna-se calmo e natural bebendo antes de se deitar uma chavena da deliciosa OVOMALTINE. Não ha nenhuma bebida alimentar de mais facil digestão ou rica em qualidades nutritivas e restauradoras do cerebro, nervos e corpo.

OVOMALTINE

é a saúde.

A' venda em todas as farmacias, drogarias e boas mercearias em latas de 110 gramas, 250 e 500 gramas
aos preços de 8\$50, 16\$00 e 30\$00

DR. A. WANDER S. A. BERNE

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL
ALVES & C.^a (Irmãos)
Rua dos Correios, 41, 2 - LISBOA